

Carlos Martins Nabeto



DEUS PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO

Série Citações Patristicas

Edições eletrônicas Veritatis Splendor



A FÉ CRISTÃ

Carlos Martins Nabeto

A FÉ CRISTÃ

- Coletânea de Sentenças Patrísticas -

Volume 2

**Deus Pai, Filho e
Espírito Santo**

**1ª Edição
2007**

Direitos Autorais do Autor

NABETO, Carlos Martins. 1969-
A Fé Cristã: Coletânea de Sentenças Patrísticas. Volume 2:
Deus Pai, Filho e Espírito Santo. São Vicente: 2007.

(1ª edição, 108 páginas)

Bibliografia.

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o nº
361.898, Livro 669, fls. 58.

1. Catolicismo; 2. Patrística; 3. Patrologia; 4. Literatura
cristã primitiva I. Título

CDD – 281.1

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Literatura cristã primitiva 281.1
2. Padres da Igreja: literatura cristã primitiva 281.1
3. Escritores eclesiásticos: literatura cristã primitiva 281.1
4. Patrística 281.1
5. Patrologia 281.1

Capa: Sílvio L. Medeiros – smedeiros@veritatis.com.br

+NIHIL OBSTAT

pe. Caetano Rizzi - Vigário Judicial
Santos, 21/12/04 – na festa de São Pedro Canízio

+IMPRIMATUR

*Conforme o cânon 827, §3, do Código de Direito
Canônico, autorizo a publicação desta obra.*

+d. Jacyr F. Braido
Bispo Diocesano de Santos
01 de janeiro de 2005

© 2005-2007. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmáticos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, Internet e e-books ou outros, sem prévia autorização, por escrito, da editora. Vedada a memorização e/ou recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, cf. Lei nº 6.895, de 17.12.1980), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (artigos 102, 103 parágrafo único, 104, 105, 106 e 107 itens 1, 2 e 3, da Lei nº 9.610, de 19.06.1998 [Lei dos Direitos Autorais]). O autor concede licença especial para este e-book ser armazenado e distribuído pela Internet, apenas pelos sites <http://www.veritatis.com.br> e <http://cocp.nabeto.ihshost.com>.

***"Todo aquele que der testemunho de Mim diante
dos homens, também Eu darei testemunho dele
diante de meu Pai que está nos céus"***
(Mat. 10,32).

Série “Citações Patrísticas”

Volume 1

- A Palavra de Deus / A Profissão de Fé

Volume 2

- Deus Pai, Filho e Espírito Santo

Volume 3

- Maria, os Santos e os Anjos

Volume 4

- A Igreja de Cristo

Volume 5

- Os 7 Sacramentos / A Criação

Volume 6

- Escatologia e Questões Diversas

DEDICATÓRIA

*À minha esposa, Ana Paula,
e filhos, Lucas e Victor.*

*Aos meus pais,
Modesto e Joaquina.*

*Aos irmãos de Apostolado
e a todos os meus leitores em geral*

SOBRE O AUTOR

Carlos Martins Nabeto, casado e pai de dois filhos, nasceu em São Vicente-SP, vindo de uma família de classe média: o pai comerciante e a mãe dona de casa.

Formado e pós-graduado em Ciência da Computação pela Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes (Uniceb); formado em Direito pela Universidade Católica de Santos (UniSantos) e pós-graduado em Direito Processual Matrimonial Canônico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Trabalha como Analista de Sistemas, Professor Universitário e Advogado.

Desde 1988 dedica-se ao estudo da Fé Cristã, tendo retornado conscientemente ao seio da Igreja Católica em 1991. Fundador, em 1997, do premiado *site* Agnus Dei, pioneiro na defesa da fé católica na Internet. Em 2002, juntamente com Alessandro Ricardo Lima, fundou o apostolado católico *Veritatis Splendor* (<http://www.veritatis.com.br>) - considerado hoje um dos maiores *sites* católicos em língua portuguesa - onde desde então, além de suas atribuições familiares e seculares, dedica-se à publicação e tradução de artigos referentes ao Cristianismo Primitivo e à defesa da Fé Católica nas questões mais difíceis. Em 2007, fundou ainda o *site* COCP-Central de Obras do Cristianismo Primitivo (<http://cocp.nabeto.ihshost.com>), visando centralizar e disponibilizar ao grande público a íntegra de escritos do Período Patrístico.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL	11
DEPÓSITO DA FÉ: A TRADIÇÃO ESCRITA E A TRADIÇÃO ORAL	15
O PERÍODO PATRÍSTICO	17
O CASIÃO DA PRESENTE OBRA	17
1. A SANTÍSSIMA TRINDADE	20
A) EXISTÊNCIA	20
B) UNIDADE DAS PESSOAS DIVINAS	30
C) DISTINÇÃO DAS PESSOAS DIVINAS	32
2. DEUS PAI	36
A) DEUS	36
B) MONOTEÍSMO	38
C) O NOME DE DEUS	41
D) DEUS É TODO-PODEROSO	42
E) DEUS É JUSTO, SÁBIO E ONISCIENTE	43
F) DEUS SE RELACIONA COM O HOMEM	44
G) A GRAÇA DIVINA	46
H) DEUS DEVE SER AMADO	47
3. JESUS CRISTO	49
A) SEU NOME	49
B) A ENCARNAÇÃO	50
C) VERDADEIRAMENTE HOMEM E DEUS	59
D) FILHO ÚNICO DE DEUS	66
E) SUA PRIMEIRA VINDA	67
F) HOMEM SEM PECADO	68
G) NOVO ADÃO	69
H) VERBO DO PAI	71
I) AMAVA PERFEITAMENTE SUA MÃE	72
J) NÃO TEVE IRMÃOS CONSANGÜÍNEOS	72
K) MORREU VERDADEIRAMENTE	74
L) DESCEU AOS INFERNOS	75
M) RESSUSCITOU DOS MORTOS	77
N) REDENTOR DO GÊNERO HUMANO	79
O) SEU SANGUE É VALIOSÍSSIMO	81
P) SUA VONTADE E CONHECIMENTO	83
Q) TODO HOMEM DEVE CONFESSÁ-LO	84
R) ULTRAJADO POR JUDAICOS E PAGÃOS	87
4. O ESPÍRITO SANTO	89
A) TERCEIRA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE	89
B) AÇÃO VIVIFICANTE	91
C) PROCEDE DO PAI E DO FILHO	93
ANEXO - RELAÇÃO DE PADRES E ESCRITORES DO PERÍODO PATRÍSTICO	95

ÍNDICE ONOMÁSTICO **100**

BIBLIOGRAFIA E SITES CONSULTADOS **103**

LIVROS (FONTES DE CITAÇÕES)	103
SITES CONSULTADOS	106
PARA SABER MAIS...	107

OBSERVAÇÃO

Esta compilação, devidamente registrada perante as autoridades civis e eclesiásticas, é o resultado de mais de cinco anos de pesquisas e muitas horas de trabalho para sua organização e editoração final.

Não obstante a isto, o Autor disponibiliza GRATUITAMENTE a presente obra na Internet, favorecendo a edificação da fé e o fomento da literatura cristã primitiva.

Por esse motivo, se este livro foi de alguma forma útil para você, considere contribuir com QUALQUER VALOR que o seu coração ordenar, efetivando depósito bancário na seguinte conta-corrente:

Banco 033 – Santander/Banespa Agência 0123 – Conta nº 01.029678-5
--

Sua doação favorecerá novas pesquisas para a ampliação deste volume, bem como incentivará novos projetos do Autor.

IMPORTANTE! ATENÇÃO!

Esta obra (e futuras atualizações) somente poderá ser encontrada e distribuída pelos seguintes sites:

APOSTOLADO VERITATIS SPLENDOR

(<http://www.veritatis.com.br>)

COCp-CENTRAL DE OBRAS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

(<http://cocp.nabeto.ihshost.com>)

É terminantemente proibida a distribuição desta obra por outros sites e comunidades da Internet, ou por outros meios, inclusive impressos, ainda que gratuitamente ou sob qualquer alegação, nos termos legais (cf. notícia de copyright à pág. 4). Somente os sites acima indicados garantem a integridade e o conteúdo da presente obra. Em caso de dúvida, acesse um desses sites para obter gratuitamente uma cópia original desta obra.

PREFÁCIO

Na Antiguidade onde prevalecia uma religiosidade politeísta, de deuses nacionais, "visíveis", mutáveis e circunscritos a locais sagrados, um povo especialmente se destaca por sua confissão de Fé bastante incomum.

A Fé de Israel não foi resultado de especulações filosóficas e nem de buscas pelo divino. Sua Fé nasce de sua experiência com Deus, o Deus real que Se revela e age na história dos homens. Os relatos de Israel sobre seu Deus não vinham de fábulas, mas de sua própria história como povo e nação. Isto é, a história da Fé não era diversa da história civil, sua identidade como povo deriva de sua identidade com Deus.

A força da realidade história da ação de Deus no meio do povo, fará Israel confessar "*o Senhor é o verdadeiro Deus*" (cf. Js 22,34), Senhor de todas as nações (cf. 1Cr 14,17; Tb 8,19; Jt 3,13; Sl 71,11), imutável (cf. Sb 7,27) e presente em toda a terra (cf. 2Cr 16,9; Sl 18,5).

O aceite desta verdade implicará na dura missão de ser testemunha do Deus Único para todos os povos (cf. Dt 4,35), "*a fim de que todas as nações pagãs conheçam que vós sois o único Deus de toda a terra*" (cf. Tb 8,9).

Porém, a revelação de Deus sobre Si mesmo encontrou sua plenitude na Fé Cristã, com o advento do messiânico de Nosso Senhor Jesus Cristo. Afastada a ameaça do politeísmo, Cristo pôde então revelar que o Deus Único é também Trino (cf. Mt 28,19).

Com efeito, este caminho já vinha sendo preparado desde o Antigo Testamento. Israel invocava seu Deus por *Elohim*, palavra que possui conotação de plural, cujo singular é *El*. Curiosamente, no relato da criação Deus utiliza o plural "façamos" para referir-Se à sua ação criadora (cf. Gn 1,26). Isaías vê os anjos do Céu glorificarem a Deus de forma tríade: "*Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus do universo! A terra inteira proclama a sua glória!*" (Is 6,3). O mesmo Profeta anunciou que o Messias que Deus enviará é também Deus (cf. Is 9,5-6; 7,14).

A Igreja primitiva que adotou para si a confissão de Fé de Israel, também teve que lidar com uma outra realidade histórica. A confissão da Igreja na Trindade Santa, assim

como a confissão de Fé de Israel, não nasceu de uma especulação sobre Deus ou de reflexões filosóficas, mas também da experiência histórica e real com o Deus Verdadeiro.

Jesus que confessou Sua Fé no Deus Pai de Israel (cf. Mt 3,9; 4,10; 27,46), declarou ele mesmo ser Deus igual ao Pai (cf. Jo 14,7-11). Também revelou a existência do Espírito Santo, referindo-se a Ele como "outro Paráclito" (cf. Jo 14,16), isto é, ao lado do Pai, além dele mesmo, havia ainda um outro que "é o Espírito da Verdade" (cf. Jo 14,17) ou Espírito Santo (cf. Jo 14,26).

Assim como outrora fora com Israel, a confissão de Fé da Igreja em Deus consiste no compromisso de ser testemunha Dele diante de todas as nações da terra. O mesmo Deus que através dos profetas Se revelou Uno, por meio de Cristo e dos apóstolos também anuncia que é Trino. Porém, aqui há um detalhe muito interessante. É desta última forma que Deus deseja ser conhecido por todos. A grande diferença entre o testemunho de Israel e o da Igreja, é que este último é missionário. Israel não tinha o dever de levar a Fé no Deus Uno às nações da terra, enquanto que a Fé no Deus Uno e Trino deveria ser levada pela Igreja. Com efeito, este foi mandato de Cristo à Igreja: *"Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"* (Mt 28,19).

A iniciativa de Carlos Martins Nabeto - grande apologista e estudioso das fontes primitivas da Fé - em colocar à disposição do público de língua portuguesa as citações dos Pais da Igreja, merece todos os nossos agradecimentos e aplausos. Com toda certeza esta obra é um verdadeiro presente, pois permite conhecer a confissão de Fé da Igreja Antiga, mostrando sua perene fidelidade à revelação de Deus sobre de Si próprio.

Faço votos para que as sementes que aqui são lançadas encontrem terreno fértil em muitos corações e dêem muitos frutos, "cem por um, sessenta por um, trinta por um" (cf. Mt 13,8).

Brasília-DF, 25 de julho de 2007.

Prof. Alessandro Lima.

INTRODUÇÃO GERAL

*"Os melhores intérpretes das
Sagradas Escrituras são os
Padres da Igreja"*
(João Paulo II)

Ingressamos, há alguns anos, no Terceiro Milênio da Era Cristã mas, desde que o Senhor Jesus ascendeu aos céus (Mc. 16,19), centenas de milhões de pessoas têm se sensibilizado por sua palavra, por sua atitude, por seu amor... É fato que após a sua ressurreição, coube sempre à Igreja o múnus de proclamar o Evangelho por todo o mundo (Mt. 28,19), contando, para isso, com o infalível auxílio do Espírito Santo (Jo. 15,26; 16,13; At. 2).

Peregrina neste mundo, a Igreja não raras vezes tem se defrontado com obstáculos que tentam minar a fé e a unidade dos fiéis. Um dos ataques mais comuns contra a Igreja é aquele que a acusa de *"deturpar a Palavra de Deus"*, visto que a Bíblia seria "silente" em tal ou qual ponto da doutrina ou disciplina... Surge daí, então, a dúvida: será que a Igreja Católica atual pode ser identificada com aquela Igreja à qual Cristo empregou o pronome possessivo "minha" (cf. Mt. 16,18)?

A resposta encontra-se claramente no Depósito da Fé confiado à Igreja...

DEPÓSITO DA FÉ: A TRADIÇÃO ESCRITA E A TRADIÇÃO ORAL

Sabe-se, inquestionavelmente, que Jesus passou todo o seu ministério público ensinando as coisas de Deus Pai por *viva voz*, mediante a pregação oral, com exceção de uma única vez, quando escreveu, com o dedo, na terra (cf. Jo. 8,6); infelizmente, nessa oportunidade única, nenhum dos evangelistas documentou o que ele teria escrito no chão.

Igualmente, constata-se na Bíblia que Jesus jamais ordenou aos seus discípulos para que colocassem por escrito os seus ensinamentos, mas os convocou para que, assim como ele, *pregassem* o Evangelho a toda criatura (cf. Mc. 16,15), afirmando, ainda, que aqueles que *ouvíssem* seus discípulos estariam *ouvindo* a Ele mesmo (cf. Lc. 10,16). Por isso, os primeiros escritos do Novo Testamento - as epístolas de São Paulo - começaram a surgir 20 anos após a ressurreição do

Senhor (os primeiros evangelhos, no entanto, somente passaram a aparecer depois de 40 anos!). Percebe-se, assim, que os discípulos de Jesus obedeceram fielmente a sua ordem, primeiramente pregando e formando as primeiras comunidades, para só depois escrever e, mesmo assim, apenas quando necessário.

Com efeito, o próprio São Paulo deduz a existência de duas formas de Tradição: a oral (formada pela pregação de viva voz) e a escrita (composta pelo Antigo Testamento e os novos documentos cristãos produzidos segundo a necessidade), como lemos em 2Tes. 2,15. Em momento algum a Tradição escrita, consignada na Bíblia, rejeita a Tradição oral (cf. 2Tim. 1,13, 2Tes. 3,6), até porque reconhece-se explicitamente que nem todos os ensinamentos e feitos de Jesus poderiam caber dentro dos limites de qualquer livro (cf. Jo. 20,30; 21,25) e que somente a Igreja é "*a coluna e o fundamento da Verdade*" (1Tim. 3,15), já que ela obviamente detém, por Pedro, as chaves do Reino (cf. Mt. 16,19), podendo ligar e desligar as coisas no céu (Mt. 18,18), bem como conta com a assistência do Espírito Santo (cf. At. 2,4).

Daí a autoridade da Igreja para proclamar o Reino de Deus (v.tb. Mt. 18,17) e, inclusive, para estabelecer o verdadeiro cânon bíblico. Com efeito, quem estabeleceu o cânon do Antigo (com 46 livros) e do Novo Testamento (com 27 livros) para os cristãos foi a Igreja, no séc. IV, baseando-se na *Tradição Oral* dos primeiros cristãos. Por isso, quem nega o valor da Tradição Oral não pode nem acatar os livros da Bíblia, vez que esta, por si só, não relaciona os livros que devem ser aceitos como legítimos.

Por outro lado, boa parte daquilo que recebemos pela Tradição oral foi coletada e citada por muitos cristãos primitivos, cuja fé cristã autêntica não lhes pode ser negada ou reduzida, em seus respectivos escritos, que demonstram posições não contrárias à Bíblia ou complementares a esta. A autoridade de cada escritor, porém, está firmada sobre a sua erudição, santidade e ordem hierárquica.

Daí ser inegável a importância do período Patrístico para a Igreja cristã, pois foi durante os primeiros séculos da Era Cristã que não apenas a Igreja como a própria doutrina cristã se "desenvolveram", ou seja, foram melhor explicadas, compreendidas e aceitas por toda a Cristandade.

O PERÍODO PATRÍSTICO

Geralmente compreende-se o Período Patrístico entre o final do século I (com a morte do último Apóstolo, isto é, São João) e o século VIII, inclusive. Durante todo esse período, muitas perseguições e heresias surgiram e ameaçaram os fundamentos do Cristianismo, mas graças aos esforços empreendidos por diversos cristãos - de homens e mulheres rudes e figuras anônimas a grandes bispos e teólogos, versados nas Sagradas Letras (tradição escrita) e nas Tradições Apostólicas (tradição oral) -, a fé cristã não apenas triunfou sobre os seus perseguidores e detratores como também afastou de vez o perigo de se ver contaminada pelo veneno mortal das heresias.

Podemos, pois, classificar esses ilustres cristãos da seguinte maneira:

a) *Padres da Igreja:* São aqueles homens e mulheres de Deus que, segundo os estudiosos da Patrística, reúnem as seguintes características:

- 1) *Doutrina Ortodoxa:* não significa isenção total de erros, mas a fiel comunhão de doutrina com a Igreja universal;
- 2) *Santidade de Vida:* na forma como se cultuavam os santos na Antigüidade cristã;
- 3) *Aprovação Eclesiástica:* deduzida das deliberações e declarações eclesiásticas; e
- 4) *Antigüidade:* dentro do período acima considerado (séc. I-VIII d.C.)

b) *Escritores Eclesiásticos:* Cabe a todos os demais escritores-teólogos da Antigüidade Cristã, mesmo os que não refletem "doutrina ortodoxa" e "santidade de vida".

Isto posto, nota-se que o ensino unânime dos Padres é considerado pela Igreja como regra infalível de uma verdade de fé, já que, isoladamente, nenhum Padre da Igreja pode ser tido por infalível, exceto quando foi Papa ensinando *ex cathedra*, ou quando certa passagem de seu escrito foi aprovado por um Concílio Ecumênico.

OCASIÃO DA PRESENTE OBRA

Conhecer os textos produzidos pelos primeiros cristãos além de nos ajudar a compreender melhor a nossa fé, também nos mostra que, hoje, muitas seitas voltam a pregar doutrinas já condenadas nos primórdios do Cristianismo. E se foram

reprovadas é porque não refletiam - e não refletem! - a verdadeira fé transmitida por Cristo à sua Igreja. Exatamente por isso, não é de se estranhar que muitas pessoas tenham retornado à Igreja de Cristo após estudar seriamente os textos produzidos no Período Patrístico.

Porém, embora já fosse possível encontrar em língua portuguesa algumas obras retratando personagens e ensinamentos ou até mesmo reproduzindo na íntegra escritos desse Período (v. Bibliografia, no final da presente obra), inexistia - até então - em nosso mercado editorial, uma obra que reproduzisse somente as passagens mais importantes de toda essa vasta produção literária, segundo uma abrangente ordem de matérias e submatérias afins. É justamente esse espaço que pretendemos preencher, "facilitando a vida", em especial, dos estudantes de Teologia, seminaristas, clérigos e catequistas...

Visando também demonstrar que a doutrina da Igreja permaneceu inalterada nestes dois mil anos de Cristianismo, apresentamos cada matéria e/ou submatéria citando ainda o(s) versículo(s) bíblico(s) correspondente(s), ainda que não exaustivamente, bem como reproduzimos o ensino oficial da Igreja, quer citando o Catecismo da Igreja Católica, quer - quando isto não for possível - reproduzindo um texto retirado de alguma obra de prestígio em nosso mercado editorial.

Apresentando, pois, mais de 1.600 citações dos primeiros padres e escritores da Igreja primitiva, pretendemos, por fim, tornar realidade, da forma mais simples possível, o desejo explicitamente manifestado pelos padres do Concílio Vaticano II (p.ex., *decr. Presbyterorum Ordinis*, nº 19). "Retornando" às fontes patrísticas, certamente estaremos adequando o nosso pensamento sobre as coisas de Deus com o ensinamento da Igreja dos primeiros tempos, solidificando a nossa fé de hoje e de sempre, já que o consenso unânime dos Padres da Igreja continua sendo considerado argumento decisivo em qualquer controvérsia teológica.

Carlos Martins Nabeto

Aos 13 dias de Janeiro de 2005,
Festa de Santo Hilário de Poitiers (+367),
bispo e doutor da Igreja.

DEUS

Jesus revela o rosto de Deus Pai, "misericordioso e compassivo" (Tg 5, 11), e, com o envio do Espírito Santo, torna patente o mistério de amor da Trindade. É o Espírito de Cristo que atua na Igreja e na história: é preciso permanecer à escuta d'Ele para reconhecer os sinais dos novos tempos e fazer com que a expectativa do regresso do Senhor glorioso se torne cada vez mais ardente no coração dos fiéis. Por isso, o Ano Santo deverá ser um único e incessante cântico de louvor à Trindade, Deus Altíssimo. Podem ajudar-nos estas palavras poéticas de São Gregório de Nazianzo, o Teólogo:

«Glória a Deus Pai e ao Filho, / Rei do universo. / Glória ao Espírito, digno de louvor e todo santo. / A Trindade é um só Deus / que tudo criou e cumulou: / o céu de seres celestes, e a terra de terrestres. / O mar, os rios e as fontes, / Ele encheu-os de seres aquáticos, / tudo vivificando com o seu Espírito, / para que toda a criatura / entoe hinos ao seu sábio Criador, / causa única do viver e da duração dos seus dias. / Mais do que qualquer outra, / louve-O sempre a criatura racional / como grande Rei e Pai bom»

Possa este hino à Trindade, pela encarnação do Filho, ser elevado conjuntamente por todos aqueles que, tendo recebido o mesmo batismo, partilham a mesma fé no Senhor Jesus. O caráter ecumênico do Jubileu seja um sinal concreto do caminho que, sobretudo nestes últimos decênios, estão a realizar os fiéis das diversas Igrejas e Comunidades eclesiais. É a escuta do Espírito que nos deve tornar, a todos, capazes de chegar a manifestar visivelmente, na plena comunhão, a graça da filiação divina inaugurada pelo batismo: todos somos filhos de um único Pai. O Apóstolo não cessa de repetir, também hoje para nós, esta empenhativa exortação: "Há um só corpo e um só Espírito, como existe uma só esperança no chamamento que recebestes. Há um único Senhor, uma única fé, um único batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, atua por meio de todos e Se encontra em todos" (Ef. 4,4-6). Parafraseando Santo Ireneu, não podemos permitir-nos de dar ao mundo a imagem de terra árida, depois de termos recebido a Palavra de Deus como chuva descida do céu; nem nunca poderemos pretender tornarmo-nos um único pão, se impedirmos à farinha de ser amalgamada pela água que sobre nós foi derramada.

(Bula Incarnationis Mysteriorum nnº 3-4)

1. A Santíssima Trindade

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em Si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na hierarquia das verdades de fé. Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a Si os homens que se afastam do pecado (CIC 234).

a) Existência

"Porquanto é por Cristo Jesus que uns e outros temos acesso ao Pai mediante um mesmo Espírito" (Ef. 2,18).

No decurso dos primeiros séculos, a Igreja procurou formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria compreensão da fé, quanto para defendê-la contra erros que a estavam deformando. Isso foi obra dos Concílios antigos, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e apoiados pelo senso da fé do povo cristão (CIC 250).

Didaqué

"No que diz respeito ao Batismo, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente. Se não houver água corrente, batizai em outra água; se não puder batizar em água fria, fazei com água quente. Na falta de uma ou outra, derramai três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (7,1-3).

Papa Clemente I de Roma

"Um Deus, um Cristo, um Espírito de graça" (1ª Carta aos Coríntios 46,6).

"Como Deus vive, assim vive o Senhor e o Espírito Santo" (1ª Carta aos Coríntios 58,2).

Inácio de Antioquia

"Vós sois as pedras do templo do Pai, elevado para o alto pelo guindaste de Jesus Cristo, que é a sua cruz, com o

Espírito Santo como corda" (Epístola aos Efésios 9,1).

"Procurai manter-vos firmes nos ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, para que prospere tudo o que fizerdes na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito, no princípio e no fim, unidos ao vosso digníssimo bispo e à preciosa coroa espiritual formada pelos vossos presbíteros e diáconos segundo Deus. Sejam submissos ao bispo e também uns aos outros, assim como Jesus Cristo se submeteu, na carne, ao Pai, e os apóstolos se submeteram a Cristo, ao Pai e ao Espírito, a fim de que haja união, tanto física como espiritual" (Epístola aos Magnésios 13,1-2).

Policarpo de Esmirna

"Eu te louvo, Deus da Verdade, te bendigo, te glorifico por teu Filho Jesus Cristo, nosso eterno e Sumo Sacerdote no céu; por Ele, com Ele e o Espírito Santo, glória seja dada a ti, agora e nos séculos futuros! Amém" (Martírio de Policarpo 14,1-3).

Justino Mártir

"Que não somos ateus, quem estiver em são juízo não o dirá, pois cultuamos o Criador deste universo, do qual dizemos, conforme nos ensinaram, que não tem necessidade de sangue, libações ou incenso (...) Em seguida, demonstramos que, com razão, honramos também Jesus Cristo, que foi nosso Mestre nessas coisas e para isso nasceu, o mesmo que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, procurador na Judéia no tempo de Tibério César. Aprendemos que ele é o Filho do próprio Deus verdadeiro, e o colocamos em segundo lugar, assim como o Espírito profético, que pomos no terceiro. De fato, tacham-nos de loucos, dizendo que damos o segundo lugar a um homem crucificado, depois do Deus imutável, aquele que existe desde sempre e criou o universo. É que ignoram o mistério que existe nisso e, por isso, vos exortamos que presteis atenção quando o expomos" (Apologia 1,13,1.3-6).

"Os que são batizados por nós são levados para um lugar onde haja água e são regenerados da mesma forma como nós o fomos. É em nome do Pai de todos e Senhor Deus, e de Nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo que recebem a loção na água. Este rito foi-nos entregue pelos apóstolos" (Apologia 1,61).

Atenágoras de Atenas

"De fato, reconhecemos também um Filho de Deus. E que ninguém considere ridículo que, para mim, Deus tenha um Filho. Com efeito, nós não pensamos sobre Deus, e também Pai, e sobre seu Filho como fantasiavam vossos poetas, mostrando-nos deuses que não são em nada melhores do que os homens, mas que o Filho de Deus é o Verbo do Pai em idéia e operação, pois conforme a ele e por seu intermédio tudo foi feito, sendo o Pai e o Filho um só. Estando o Filho no Pai e o Pai no Filho por unidade e poder do Espírito, o Filho de Deus é inteligência e Verbo do Pai. Se, por causa da eminência de vossa inteligência, vos ocorre perguntar o que quer dizer 'Filho', eu o direi livremente: o Filho é o primeiro broto do Pai, não como feito, pois desde o princípio Deus, que é inteligência eterna, tinha o Verbo em si mesmo; sendo eternamente racional, mas como procedendo de Deus, quando todas as coisas materiais eram natureza informe e terra inerte e estavam misturadas as coisas mais pesadas com as mais leves, para ser sobre elas idéia e operação" (Súplica pelos Cristãos, 10,2-4).

"Como não se admiraria alguém de ouvir chamar ateus aos que admitem um Deus Pai, um Deus Filho e o Espírito Santo, ensinando que o seu poder é único e que sua distinção é apenas distinção de ordens?" (Súplica pelos Cristãos 10).

Teófilo de Antioquia

"Igualmente os três dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolo da Trindade: de Deus [=Pai], de seu Verbo [=Filho] e de sua Sabedoria [=Espírito Santo]" (A Autólico 1,2,14).

Ireneu de Lião

"Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus" (Contra as Heresias 1,10,1).

"Já temos mostrado que o Verbo, isto é, o Filho esteve sempre com o Pai. Mas também a Sabedoria, o Espírito

estava igualmente junto dele antes de toda a criação" (Contra as Heresias 4,20,4).

"O Pai aprova e decide; o Filho executa e modela; o Espírito fomenta e acrescenta; e o homem avança pouco a pouco até chegar à perfeição" (Contra as Heresias 4,32,3).

"O Espírito nos mostra o Verbo (...), que por sua vez nos conduz e nos leva ao Pai" (Demonstração do Ensino Apostólico 7).

Clemente de Alexandria

"Que estupendo mistério! Há um único Pai do universo; um único Logos do universo e também um único Espírito Santo, idêntico em todo lugar. Há também uma única virgem que se tornou Mãe e me agrada chamá-la de Igreja" (Paed. 1,6).

Tertuliano de Cartago

"[Praxéas] acredita que só se pode crer em um único Deus se se identificar a Ele o Pai, o Filho e o Espírito Santo (...) Que seja guardado o mistério da economia que dispõe a unidade em Trindade, manifestando os três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo! Três - digo eu - não pela natureza, mas pela condição; não pela substância, mas por seu caráter próprio; não pelo poder, mas por sua manifestação. Eles são, pois, de uma única substância, de uma única natureza, de um poder único, porque existe um único Deus e é em virtude dele que essas condições, esses caracteres e essas manifestações são atribuídas ao nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Contra Praxéas 2,3).

"Como a mesma regra de fé nos faz passar do politeísmo do mundo pagão ao único e verdadeiro Deus, todos os simples, para não dizer os ineptos e os ignorantes, que constituem sempre a maioria entre os fiéis, consideram que a regra de fé nos faz passar do politeísmo do século ao Deus vivo e verdadeiro, e não compreendem que necessitam crer sem dúvidas no Deus único, mas com a sua economia (=de se revelar em Três Pessoas). Eles se espantam, crendo que a economia introduza o número, que a Trindade ameace a unidade, enquanto, ao contrário, a unidade, fazendo sair de si mesma a Trindade não é anulada por ela, mas organizada. Eles continuam repetindo que nós pregamos dois ou três deuses e que eles adoram o Deus único, como se não constituísse uma heresia o monoteísmo

irracionalmente restrito e não fosse uma verdade a Trindade racionalmente difundida (...) Nós afirmamos uma monarquia - dizem - porque eles se exprimem assim, mesmo aqueles que falam latim; e repetem esta palavra com tanta força, que se cria que compreendem a monarquia tão bem quanto a enunciam (...) Pelo simples fato de se referir a uma única pessoa, a monarquia não obriga aquele que a possui a não ter também um filho ou a não gerar um filho ou a não exercer o seu império monárquico por meio daqueles que desejar (...) Deves pensar que se tem o fim da monarquia somente quando se sobrepõe uma outra dominação, dotada de condições próprias e de natureza própria, inimiga portanto, e quando se introduz outra divindade contra o Criador ou mais divindades (...) Nada é tirado da matriz da qual extrai suas propriedades. Assim, a Trindade, através de uma série de degraus cruzados e interligados, descende do Pai e não se opõe à monarquia, mas protege a natureza da economia" (Contra Praxéas 3,1-2.6; 8,7).

"Para tornar confiante a nossa esperança, basta o número dos Nomes divinos (...) porque sob o Tríplice Nome se fundamenta a afirmação da fé e a garantia da salvação" (Do Batismo 6,1-2).

"De nada na Trindade se deve dizer que é maior ou menor, uma vez que a fonte única da divindade mantém todas as coisas por sua Palavra ou razão, e que ela santifica pelo Espírito (sopro) de sua boca tudo o que merece santificação (...) Mas existe também, além dessa ação, uma ação própria de Deus Pai, aquela pela qual ele concedeu o ser a todos, segundo sua natureza específica; existe também um ministério próprio do Senhor Jesus Cristo, a respeito daqueles aos quais ele confere, segundo sua natureza específica, a razão; por esse meio, além de ser, ele lhes concedeu o ser em conformidade com o bem. Por fim, existe também a graça do Espírito Santo, concedida aos que são dignos dela; é administrada por Cristo e operada pelo Pai, segundo o mérito dos que dela se tornam capazes. O apóstolo Paulo mostra isso claramente, explicando que a ação da Trindade é única e idêntica, quando diz: 'Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos' (1Cor 12,4-6). Esta frase indica muito claramente que não

há nenhuma diferença na Trindade; mas o que é dom do Espírito Santo é administrado pelo Filho e operado por Deus Pai" (Dos Princípios 1,3,7).

Orígenes de Alexandria

"Ao Pai universal por Jesus Cristo no Espírito Santo" (Da Oração 33).

Hilário de Poitiers

"Quanto a mim, tenho consciência de que a tarefa principal de minha vida é a Vós, ó Deus Pai todo-poderoso, que ela deve ser consagrada, assim como todas as minhas palavras e todos os meus pensamentos. A maior recompensa que me pode dar justamente o uso da linguagem que me concedestes é vos servir, proclamando o que sois, isto é, o Pai, e o Pai de um Deus Filho único; demonstrar essa verdade diante do mundo que a ignora ou dos hereges que a negam. É isso, pelo menos, o que declaro ser meu único objetivo. Quanto ao resto, devo implorar a graça de vosso auxílio e de vossa misericórdia; agora, que estirei para vós as velas de nossa fé e de nossa confissão, dignai-vos, pelo sopro do vosso Espírito, inflá-las, dar impulso e ardor à pregação que assumimos. Sim, é fiel Aquele que nos garantiu esta promessa: 'Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto' (Lc. 11,9). De nossa parte, nós vos pedimos aquilo de que é desprovida a nossa pobreza, e nos esforçaremos no zelo incansável para examinar as palavras de vossos profetas e de vossos Apóstolos; bateremos em todas as portas que guardam a entrada ao entendimento do mistério; mas é a vós que cabe dar, quando pedimos; estar presente, quando vos procuramos; e abrir, quando batemos (...) Concedei-nos, pois, a graça de dar às palavras o seu verdadeiro sentido, a luz que possibilita a compreensão, a nobreza de estilo e uma fé exata. Fazei com que sejamos capazes de formulá-lo, isto é, de vos celebrar, à luz dos profetas e dos Apóstolos, e contra as negociações dos hereges, vós, Deus único, Pai, assim como nosso Senhor, Jesus Cristo" (Da Trindade 1,37).

Atanásio de Alexandria

"Da mesma forma que os arianos, negando o Filho, negam o Pai, esses também, desacreditando o Espírito Santo, desacreditam o Filho. São duas facções que se repartem na insurreição contra a verdade, para desembocarem na

mesma blasfêmia contra a Trindade, atacando uns o Filho, outros o Espírito" (Carta a Serapião).

"Há, portanto, uma Trindade santa e perfeita, reconhecida como Deus no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Ela não contém nada de estranho, nada que lhe seja acrescentado do exterior: não é constituída de criador e de criado, mas é absolutamente inteira virtude criadora e produtora. É semelhante a ela mesma, indivisível por sua natureza e única em sua eficiência. De fato, o Pai faz todas as coisas pelo Verbo no Espírito e é assim que a unidade da Trindade Santa é salvaguardada; assim como na Igreja é anunciado um [só] Deus, [que está] acima de todos e [age] por todos e [está] em todos. 'Acima de todos' como Pai, como princípio e fonte; 'por todos' pelo Verbo; 'em todos' no Espírito Santo. A Trindade existe, não limitada a um nome e à aparência de uma palavra, mas [como] Trindade em verdade e realidade. Porque assim como o Pai é o Existente, assim seu Verbo é o Existente e Deus acima de tudo, e o Espírito Santo não é desprovido de existência, mas é e subsiste verdadeiramente. A Igreja Católica não pensa outra coisa, para evitar cair na condição dos que são atualmente judeus, à maneira de Caifás e de Sabélio; ela não imagina nada mais, para não degradingolar no politeísmo dos gentios. Que seja exatamente essa a fé da Igreja, que [os adversários] aprendam pelo modo com que o Senhor, quando enviou os Apóstolos, ordenou-lhes que dessem esse fundamento à Igreja, dizendo: 'Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo'. Os Apóstolos, por sua vez, tendo partido, ensinaram assim, e tal é a pregação [divulgada] em toda a Igreja que está sob o céu" (Carta a Serapião 1,28).

Basílio Magno de Cesaréia

"Que calúnia poderia ser mais deplorável e mais capaz de agitar as massas como a que se desencadearia se alguns dentre nós dissessem abertamente que existe apenas uma hipóstase para o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mesmo que ensinassem com toda clareza a diferença de Pessoas, resultaria que tal doutrina já fora ensinada primeiramente por Sabélio. Com efeito, este dizia: 'Deus é um pela hipóstase, mas representado pela Escritura sob pessoas diferentes, conforme o caráter particular da necessidade que se encontra a cada momento (...)'. Se é necessário exprimirmos brevemente nosso sentimento, diríamos que a

relação que existe entre o comum e o particular é a mesma entre a substância e a hipóstase. Cada um de nós participa do ser pelo princípio comum da substância, e é isso ou aquilo por suas características próprias. Do mesmo modo, aqui o princípio da substância é comum, como a bondade, a divindade e todos os outros atributos que se possa imaginar, mas a hipóstase é considerada no caráter próprio da paternidade ou da filiação ou do poder santificante (...) para que conjuntamente o princípio da consubstancialidade seja conservado na unidade da divindade, e que o conhecimento que a piedade fornece do Pai, do Filho e do Espírito Santo seja anunciado na hipóstase perfeita e completa de cada um dos que são nomeados" (Epístola 214,3.4).

"O nome dado a cada uma (=das Pessoas da Santíssima Trindade) indica um atributo que lhe é próprio (...) O Pai existe em seu caráter próprio de Pai; o Filho, em seu caráter próprio de Filho; e o Espírito Santo, em seu caráter pessoal. Mas nem o Espírito Santo fala por si mesmo (Jo. 16,13), nem o Filho faz algo por si mesmo (Jo. 8,28); o Pai enviou o Filho (Jo. 17,21) e o Filho enviou o Espírito Santo (Jô. 16,7)" (Da Profissão de Fé).

"O caminho que leva ao conhecimento de Deus é a partir do Espírito único, por meio do Filho único, até o único Pai. Ao contrário, a bondade divina recircula do Pai, pelo Filho, ao Espírito" (Do Espírito Santo 18).

Gregório de Nanzianzo

"O Antigo Testamento revela-nos claramente o Pai, enquanto que o Filho ficou esquecido, na penumbra. O Novo Testamento revelou-nos claramente o Filho, e somente indiretamente nos fez entender a divindade do Espírito Santo. Mas agora, o Espírito Santo habita em nosso meio e dá-nos uma demonstração mais evidente do que Ele é. Não teria sido prudente proclamar abertamente a divindade do Filho antes que fosse reconhecida a divindade do Pai, ou impor a função do Espírito Santo - se é lícito expressar-me numa forma tão ousada - quando ainda a divindade do Filho não era ainda reconhecida (...) Era melhor que, por adições parciais e por ascensões de glória em glória, brilhasse progressivamente o esplendor da Trindade" (Discurso Teológico 5,5,26).

"[A graça do Reino é a] união de toda a Santíssima Trindade

com o espírito pleno" (Or. 16,9).

"Entre os Três tudo é idêntico, exceto a relação de origem" (Or. 34).

"Antes de todas as coisas, conservai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me faz suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que daqui a pouco vou mergulhar-vos na água e vos tirar dela. Eu vo-la dou como companheira e dona de vossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Poder, que existe uma nos Três e que contém os Três de uma maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou de natureza, sem grau superior que eleve ou grau inferior que rebaixe (...) A infinita co-naturalidade é de Três Infinitos, cada Um considerado em si mesmo é Deus todo inteiro (...) Deus os Três considerados juntos. Nem comecei a pensar na Unidade e a Trindade me banha no seu esplendor; nem comecei a pensar na Trindade e a Unidade toma conta de mim" (Or. 40,41).

"Ó Trindade santa! Somente o que diz respeito a vós desperta em mim interesse".

Símbolo Atanasiano

"A fé católica é esta: que adoremos o único Deus na Trindade e a Trindade na Unidade, não confundindo as Pessoas, nem separando a substância, pois uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma só é a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, co-eterna a majestade".

Concílio Ecumênico de Constantinopla II

"Cremos no Espírito Santo, Senhor e fonte da vida, que procede do Pai, com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, o qual falou pelos profetas".

João Crisóstomo

"Ó Filho único e Verbo de Deus: sendo imortal, vos dignaste, pela nossa salvação, encarnar-vos da Santa Mãe de Deus e sempre virgem Maria, vós que sem mudança vos tornaste homem e foste crucificado, ó Cristo Deus, que pela vossa morte esmagaste a morte; sois Um na Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo. Salvai-nos!" (O Monoghenis).

Agostinho de Hipona

"Enquanto na imagem da Trindade a memória, o conhecimento e o amor pertencem a um só homem, na excelsa Trindade não apenas pertencem a um só Deus mas são um só Deus, permanecendo, embora distintas, Pessoas, e não uma só" (Da Trindade).

"Os gregos usam também a palavra 'hypostasis', mas ignoro que diferença estabeleçam entre 'ousía' e 'hypostasis', e a maior parte dps que entre nós tratam dessas coisas costumam dizer, em grego, 'mian ousían, treis hypostaseis'; em latim, 'unam essentiam, tres substantias'. Mas como entre nós a linguagem falada fez que a palavra 'essência' signifique a mesma coisa que a palavra 'substância', não ousamos dizer 'uma essência, três substâncias', mas 'uma essência ou substância e três pessoas'. Muitos latinos que trataram dessas questões e merecem crédito empregaram essa fórmula, não encontrando uma expressão mais apropriada para exprimir com palavras o que concebiam sem palavras. Com efeito, como o Pai não é o Filho, o Filho, o Pai e o Espírito Santo, que é também chamado 'dom de Deus', não é nem o Pai, nem o Filho; são três evidentemente, por isso a Escritura diz no plural: 'Eu e o Pai somos um' (Jo 10,30). Não diz: 'é um', como pretendem os sabelianos, mas 'somos um'. Todavia, se se pergunta sobre o que são esses Três, devemos reconhecer a insuficiência extrema da linguagem humana. Sem dúvida, se responde 'três pessoas', contudo, mais para não permanecer sem dizer nada do que para exprimir aquela realidade" (Da Trindade 5,8,10).

"Se a caridade de Deus (...) faz de muitas almas uma só alma, e de muitos corações um só coração, com quanto maior razão o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus, uma só luz, um só princípio!" (Comentário ao Evangelho de João 39,5).

Cesário de Arles

"A fé de todos os cristãos consiste na Trindade" (Do Símbolo).

Máximo Confessor

"Mesmo se a Divindade, que está para além de tudo, for celebrada por nós como Trindade e como Unidade, ela não é nem o três e nem o um que conhecemos como números".

Anastácio do Sinai

"Disse Deus, o Criador Trino: 'Façamos o homem à nossa imagem'. E essa imagem já é, de antemão, o Filho encarnado" (In. Hex. 6).

* * *

b) Unidade das Pessoas Divinas

"Eu e o Pai somos um" (Jo. 10,30).

A Trindade é una. Não professamos três deuses, mas um só Deus em três Pessoas: a Trindade consubstancial. As Pessoas divinas não dividem entre Si a única Divindade, mas cada uma delas é Deus por inteiro: o Pai é aquilo que é o Filho; o Filho é aquilo que é o Pai; o Espírito Santo é aquilo que são o Pai e o Filho, isto é, um só Deus quanto à natureza. Cada uma dessas três Pessoas é esta realidade, isto é, a substância, a essência ou a natureza divina (CIC 253).

Pseudo-Clemente

"Se colocamos Jesus Cristo abaixo de Deus, não podemos esperar muito dele" (Carta aos Coríntios 2,1,1-2).

Alexandre de Alexandria

"Quem ouviu, alguma vez, semelhantes coisas? (=sobre a doutrina de Ário) Quem, agora que as ouve, não tapará os ouvidos para impedir que essas ignóbeis palavras cheguem até eles? Quem, ouvindo João dizer: 'No princípio era o Verbo' (Jo 1,1), não condenará os que dizem: 'Houve um tempo em que ele não era'? Quem, ainda, ouvindo estas palavras do Evangelho: 'Filho único de Deus' (Jo 1,18) e 'Tudo foi feito por meio dele' (Jo 1,3), não detestará os que afirmam que o Filho é uma das criaturas? Como pode ele ser igual ao que foi feito por ele? Como pode ser Filho único aquele que elencamos com todas as coisas, na categoria destas? Como viria ele do nada, ao passo que o Pai diz: 'De meu seio, antes da aurora, eu te gerei?' (Sl 109,3)? Como seria ele, em sua substância, diferente do Pai, ele que é a imagem perfeita e o esplendor do Pai (2Cor 4,4; Hb 1,3) e que diz: 'Quem me vê, vê o Pai' (Jo 14,9)? Se o Filho é o Verbo e a Sabedoria do Pai, como teria havido um tempo em que ele não existia? É como se dissessem que houve um tempo em que Deus não tinha Palavra nem Sabedoria. Como está sujeito à transformação e à alteração aquele que

diz de si mesmo: 'Eu estou no Pai e o Pai está em mim' (Jo 10,38) e 'Eu e o Pai somos um' (Jo 10,30), e que disse pelo profeta: 'Vede-me; eu sou e não mudo' (Mt 3,6)? Mesmo que se pense que essa palavra pode ser dita pelo próprio Pai, seria agora, no entanto, mais oportuno, julgá-la dita por Cristo, porque, tornado homem, ele não muda, mas, como diz o Apóstolo, "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e pela eternidade" (Hb 13,8). Quem os leva a dizer que é por nós que ele foi feito, enquanto São Paulo diz: 'Para ele e por ele todas as coisas existem' (Hb 2,10)? Quanto à sua afirmação blasfema de que o Filho não conhece perfeitamente o Pai, não seria de causar surpresa, pois, uma vez que eles decidiram a combater Cristo, desprezam também as palavras do próprio Senhor que diz: 'Como o Pai me conhece, eu também conheço o Pai' (Jo 10,15)" (Epístola).

Concílio Ecumênico de Nicéia I

"Cremos... em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido do Pai como Unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por quem foi feito tudo que há no céu e na terra (...) Cremos no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai, com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, o qual falou pelos Profetas" (Símbolo de Nicéia).

Gregório de Nanzianzo

"Antes de todas as coisas, conservai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me faz suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que, daqui a pouco, vou mergulhar-vos na água e vos tirar dela. Eu vo-la dou como companheira e dona de toda a nossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Poder, que existe Uma nos Três e que contém os Três de uma maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou natureza, sem grau superior que eleve ou grau inferior que rebaixe (...) A infinita co-naturalidade é de três infinitos. Cada um considerado em si mesmo é Deus todo inteiro (...) Deus os Três considerados juntos. Nem comecei a pensar na Unidade e a Trindade me banha no seu esplendor. Nem comecei a pensar na Trindade e a Unidade toma conta de mim" (Or. 40,41).

Concílio Regional de Toledo XI

"O Pai é aquilo que é o Filho; o Filho é aquilo que é o Pai; o Espírito Santo é aquilo que são o Pai e o Filho, isto é, um só Deus quanto à natureza".

* * *

c) Distinção das Pessoas Divinas

"Mas quando se manifestou a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor pelos homens (...), salvou-nos mediante o batismo de regeneração e de renovação do Espírito Santo, que Ele difundiu sobre nós abundantemente por Jesus Cristo, nosso Salvador"
(Tit. 3,4-6).

As Pessoas divinas são realmente distintas entre Si. Deus é único, mas não solitário. Pai, Filho e Espírito Santo não são simplesmente nomes que designam modalidades do Ser divino, pois são realmente distintos entre Si: Aquele que é o Pai não é o Filho e Aquele que é o Filho não é o Pai, nem o Espírito Santo é Aquele que é o Pai ou o Filho. São distintos entre Si pelas suas relações de origem: é o Pai que gera, o Filho que é gerado e o Espírito Santo que procede. A Unidade divina é Trina (CIC 254).

Epístola de Barnabé

"E mais, meus irmãos: se o Senhor [Jesus] suportou sofrer por nós, embora fosse o Senhor do mundo inteiro, a quem Deus disse desde a criação do mundo: 'façamos o homem à nossa imagem e semelhança', como pode ele suportar sofrer pela mão dos homens?" (5,5).

Inácio de Antioquia

"Por isso vos peço que estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do bispo, que ocupa o lugar de Deus, dos presbíteros, que representam o colégio dos apóstolos, e dos diáconos, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava junto do Pai e por fim se manifestou. (...) Correi todos juntos como ao único templo de Deus, ao redor do único altar, em torno do único Jesus Cristo, que saiu do único Pai e que era único em si e para ele voltou. (...) Existe um só Deus, que se manifestou por meio de Jesus Cristo seu Filho, que é o seu Verbo saído do silêncio, e que em todas as coisas se tornou

agradável àquele que o tinha enviado" (Epístola aos Magnésios 6,1; 7,2; 8,2).

Justino Mártir

"Amigos, foi do mesmo modo que a Palavra de Deus se expressou pela boca de Moisés ao indicar-nos que o Deus que se manifestou a nós falou a mesma coisa na criação do homem, dizendo estas palavras: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança'. (...) Citar-vos-ei agora outras palavras do mesmo Moisés. Através delas, sem nenhuma discussão possível, temos de reconhecer que Deus conversou com alguém que era numericamente distinto e igualmente racional (...) Mas esse gerado, emitido realmente pelo Pai, estava com ele antes de todas as criaturas e com ele o Pai conversa, como nos manifestou a palavra por meio de Salomão" (Diálogo com Trifão 62,1-2.4).

Policarpo de Esmirna

"Por isso e por todas as outras coisas, eu te louvo, te bendigo, te glorifico, pelo eterno e celestial sacerdote Jesus Cristo, teu Filho amado, pelo qual seja dada glória a ti, com Ele e o Espírito, agora e pelos séculos futuros. Amém" (Martírio de Policarpo 14,3).

Atenágoras de Atenas

"Admitimos um só Deus (...) Deus Pai e Deus Filho e Deus Espírito Santo, que mostram sua potência na unidade e sua distinção na ordem" (Súplica pelos Cristãos 10).

Epístola a Diogneto

"[O Pai] enviou o Verbo como graça, para que se manifestasse ao mundo. (...) Desde o princípio, ele apareceu como novo e era antigo, e agora sempre se torna novo nos corações dos fiéis. Ele é desde sempre, e hoje é reconhecido como Filho" (11,3-4).

Ireneu de Lião

"Àquele que ungiu, àquele que foi ungido e à própria unção com que foi ungido: quem ungiu foi o Pai, quem foi ungido foi o Filho e o foi no Espírito, que é a unção" (Contra as Heresias 1).

"[O Filho e o Espírito Santo são] ministros de inefável riqueza (...), são a uma vez progeneritura e mãos [do Pai] (...), aos quais servem, submissos, todos os anjos" (Contra

as Heresias 4,7,4).

"Portanto, não foram os anjos que nos plasmaram - os anjos não poderiam fazer uma imagem de Deus - nem outro qualquer que não fosse o Deus verdadeiro, nem uma Potência que estivesse afastada do Pai de todas as coisas. Nem Deus precisava deles para fazer o que em si mesmo já tinha decretado fazer, como se ele não tivesse suas próprias mãos! Desde sempre, de fato, ele tem junto de si o Verbo e a Sabedoria, o Filho e o Espírito. É por meio deles e neles que fez todas as coisas, soberanamente e com toda a liberdade, e é a eles que se dirige quando diz: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança'" (Contra as Heresias 4,20,1).

Atanásio de Alexandria

"Se o Verbo não é consubstancial com o Pai, não nos diviniza e não nos redime. (...) Se o Espírito nos dá a participação divina, não é Criatura, mas Deus" (Carta a Serapião 1).

Gregório de Nanzianzo

"O que é então a processão? Diga-me o que é a ingenerabilidade do Pai e eu explicar-lhe-ei a fisiologia da geração do Filho e a processão do Espírito; e nós ambos seremos arrebatados por nos intrometer no mistério de Deus" (Or. 31,8).

Concílio Regional de Roma

"Anatematizamos todos aqueles que seguem o erro de Sabélio, os quais dizem que o Pai e o Filho são a mesma Pessoa" (Cânon 2).

Símbolo Atanasiano

"A fé católica é esta: que adoremos o único Deus na Trindade e a Trindade na Unidade, não confundindo as Pessoas, nem separando a substância, pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo, mas uma só é a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo; igual a glória, co-eterna a majestade".

Agostinho de Hipona

"Embora não seja a mesma coisa ser Pai e ser Filho, todavia a substância não é diferente, porque esses epítetos não pertencem à ordem da substância, mas da relação; relação que não é acidental porque não é mutável" (Da Trindade

5,5,6).

"Enquanto na imagem da Trindade a memória, o conhecimento e o amor pertencem a um só homem, na excelsa Trindade não apenas pertencem a um só Deus, permanecendo embora distintas Pessoas e não uma só".

Concílio Ecumênico de Constantinopla II

"Um Deus e Pai do qual são todas as coisas; um Senhor Jesus Cristo para quem são todas as coisas; um Espírito Santo em quem são todas as coisas".

Concílio Regional de Toledo XI

"O Espírito Santo, que é a Terceira Pessoa da Trindade, é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e também da mesma natureza (...) Contudo, não se diz que Ele é somente o Espírito do Pai, mas ao mesmo tempo o Espírito do Pai e do Filho".

"Nos nomes relativos das Pessoas, o Pai é referido ao Filho, o Filho ao Pai e o Espírito Santo aos dois. Quando se fala destas Três Pessoas considerando as relações, crê-se, todavia, em uma só natureza ou substância".

"Aquele que é o Pai não é o Filho e aquele que é o Filho não é o Pai. Nem o Espírito Santo é aquele que é o Pai ou o Filho".

Pseudo-Cirilo

"Na inefável Trindade há uma única bondade, uma única 'ousia', um único poder, uma única vontade, uma energia, uma autoridade. Uma e única, não três semelhantes umas a outras e sim um único e idêntico movimento das três hipóstases, porque cada uma delas goza de uma unidade com as outras, não menos que aquela que tem consigo mesma. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são, sob todos os aspectos, uma entidade única, exceto no que se refere à não-geração, à geração e à processão [respectivamente]" (Da Santíssima Trindade 10).

2. Deus Pai

Jesus revelou que Deus é "Pai" num sentido inaudito: não o é somente enquanto Criador, mas é eternamente Pai em relação ao seu Filho único, que reciprocamente só é Filho em relação a seu Pai: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar" (Mat. 11,27) (CIC 240).

a) Deus

"Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, e atua por todas as coisas e reside em todos nós" (Ef. 4,6).

Mediante a razão natural, o homem pode conhecer a Deus com certeza a partir de suas obras. Mas exige uma outra ordem de conhecimento, que o homem de modo algum pode atingir pelas suas próprias forças, a da Revelação divina. Por uma decisão totalmente livre, Deus se revela e se doa ao homem. Fá-lo revelando seu mistério, seu projeto benevolente, que concebeu desde toda a eternidade em Cristo em prol de todos os homens. Revela plenamente seu projeto enviando seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo (CIC 50).

Teófilo de Antioquia

"Se me dizes: 'Mostra-me o teu Deus', também eu poderia responder-te: 'Mostra-me o teu homem e eu te mostrarei o meu Deus' (...) Deus é visto por aqueles que o podem ver, ou seja, por aqueles que têm os olhos da alma bem abertos (...) Deus só se torna manifesto ao olhar da mente e não ao de qualquer mente; ao da que não está embrutecida pelos vícios e paixões" (A Autólico 1,2).

Minúcio Félix

"[Deus] não só está perto de nós como também dentro de nós (...) Não só vivemos sob seu olhar como também em seu seio" (Epístola a Otávio 32).

Ireneu de Lião

"Por si mesmo, o homem jamais poderá ver a Deus, mas se Deus quiser, pode ser visto pelos homens, pelos que Ele quer, quando quer e como quer. Deus pode tudo! Foi visto

outrora segundo o modo profético, por intervenção do Espírito; visto depois segundo a graça da adoção, por mediação do Filho; e será visto mais tarde, no Reino dos céus, segundo a paternidade, se o Espírito prepara o homem para o Filho de Deus, se o Filho o conduz ao Pai e se o Pai lhe dá a incorruptibilidade e a vida eterna, que resultam da visão de Deus para os que o vêem" (Contra as Heresias 4,20,5).

"Em relação com Deus, nada está vazio, tudo é sinal dele" (Contra as Heresias 4,21).

Gregório de Nissa

"A verdadeira visão de Deus consiste nisto: que aquele que levanta os olhos a Deus nunca deixa de desejá-lo (...) porque seu Ser é inacessível" (Da Vida de Moisés 2,233-235).

João Crisóstomo

"[Deus é] inefável, imcompreensível, invisível, inatingível" (Anáfora).

Agostinho de Hipona

"Tu (Deus) és nunca novo e nunca velho (...) sempre agindo e sempre em repouso; sempre recolhendo e nunca necessitado (...); sempre procurando e nunca carente de nada (...); amas e não sentes paixão; tens ciúmes e estás confiante; tu te arrependes e não sentes dor; tu te iras e estás tranqüilo" (Confissões 1,4,4).

"[Deus é] maior do que o que há de maior em e mais íntimo do que há de mais íntimo em mim" (Confissões 3,6,11).

"A Verdade é a primeira e soberana essência, a fonte de onde procede tudo o que é, enquanto tem o ser, porque tudo o que é como tal, é bom (...) A soberana Essência faz ser tudo quanto existe" (Confissões 7,11,21.22).

"Acreditas saber o que é Deus? Acreditas saber como é Deus? Não é nada do que imaginas, nada do que envolve o teu pensamento" (Contra Adimanto 2).

"A Deus devemos conceber como um Ser bom sem qualidades, grande sem quantidades, criador sem indigências, presente sem localização, que abarca sem cercar todas as coisas; onipresente sem lugar, eterno sem tempo, imutável e autor de todas as mudanças, sem um átomo de passividade. Quem assim discorrer sobre Deus, apesar de

não chegar a conhecer o que é, evitará, no entanto, com piedosa inteligência e enquanto é possível, pensar Dele o que não é" (Da Trindade 5,1,2s).

"A excelência sobreeminente da Divindade transcende a capacidade da linguagem habitual" (Da Trindade 7,4,7).

"Portanto, procuremos [a Deus] como se tivéssemos de encontrar e encontremos com o afã de continuar procurando" (Da Trindade 9,1,1).

"Não considere ter encontrado nada aquele que tenha podido encontrar quão incompreensível é o que buscava" (Da Trindade 15,2,2).

"Se não for bastante, leia com atenção meu livro intitulado 'De vera religione' e verá que não é a razão que obriga a afirmação de Deus, nem o raciocínio que deduz a necessidade de Deus existir, assim como seria impróprio dizer que 7 e 3 podem perfazer dez, porque 7 e 3 não podem perfazer 10, mas são 10. Do mesmo modo, Deus não pode ser sábio, mas é sábio" (Epístola 162,2).

"Se compreendes o que se pretende dizer, não é Deus. O que chegastes a entender é coisa bem alheia a Deus (...) Se o compreendes, não é Ele; e se é Ele, não o compreendes" (Sermão 52,16).

"Deus, o Infinito, Todo-poderoso e Imenso, é grande demais para ser colocado dentro das estreitas medidas da inteligência humana. É mais fácil meter a água do mar numa pocinha cavada na areia da praia do que colocar Deus no intelecto humano".

João Cassiano

"É um olhar sobre Deus tão somente um grande fogo de amor. A alma nele se dissolve e se abisma na santa dileção, e se entretém com Deus como com seu próprio Pai, bem familiarmente, com ternura de piedade toda particular" (Coll. 9,18).

Concílio Regional de Toledo VI

"[O Pai é] a fonte e a origem de toda a Divindade".

* * *

b) Monoteísmo

"Vede que sou eu só o verdadeiro Deus e que não há

outro deus fora de Mim” (Deut. 32,39).

Jesus mesmo confirma que Deus é “o único Senhor” e que é preciso amá-Lo de todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças (Mc. 12,29-30). Ao mesmo tempo, dá a entender que Ele mesmo é “o Senhor” (Mc. 12,35-37). Confessar que “Jesus é Senhor” é o específico da fé cristã. Isto não contraria à fé em Deus único. Crer no Espírito Santo “que é Senhor e dá a Vida” não introduz nenhuma divisão no Deus único: cremos firmemente e afirmamos simplesmente que há um só verdadeiro Deus eterno e imutável, incompreensível, todo-poderoso e inefável, Pai, Filho e Espírito Santo: três Pessoas, mas uma Essência, uma Substância ou Natureza absolutamente simples (CIC 202).

Papa Clemente I de Roma

"Que lhes parece, irmãos? Não sabia Moisés de antemão que isso iria suceder? Sabia-o sem dúvida. Mas para que não se desse a revolta em Israel, agiu assim, e fosse glorificado o nome do Deus verdadeiro e único. A Ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém" (1ª Carta aos Coríntios 43,8).

"Que todos os povos conheçam que Tu és o único Deus e que Jesus Cristo é o teu Filho e nós somos teu povo e as ovelhas do teu rebanho!" (1ª Carta aos Coríntios 59).

Inácio de Antioquia

"Existe portanto um Deus e Pai, e não dois ou três. O único que é, não havendo outros além Dele, o único e verdadeiro [Deus]. Diz a Escritura: 'O Senhor, teu Deus, é o único Senhor' (cf. Dt 6,4) (...) E existe também um Filho, Verbo de Deus (...) E existe também um Paráclito(...)" (Epístola aos Filadelfienses [vs.longa] 2).

"De fato, os santos profetas viveram segundo Jesus Cristo. Por essa razão foram perseguidos, pois eram inspirados pela graça dele, a fim de que os incrédulos ficassem plenamente convencidos de que existe um só Deus, que se manifestou através de Jesus Cristo seu Filho, que é o seu Verbo saído do silêncio, e que em todas as coisas se tornou agradável àquele que o tinha enviado" (Epístola aos Magnésios 8,1).

Justino Mártir

"Não haverá e nem houve outro Deus desde a eternidade,

além daquele que criou e ordenou este universo. Também não cremos que o nosso Deus seja diferente do vosso, mas o mesmo que tirou vossos antepassados da terra do Egito, 'com mão poderosa e braço excelso'. Também não depositamos a nossa confiança em qualquer outro, dado que não existe, mas no mesmo que vós a depositais, no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó" (Diálogo com Trifão 11,1).

Ireneu de Lião

"Sem falar, portanto, da Escritura, que não afirma outra coisa (=o Monoteísmo), o testemunho dos nossos adversários basta. Pois, por este meio, todos os homens estão, enfim, de acordo sobre este ponto: os antigos, primeiro, que conservaram esta crença pela tradição originária do primeiro homem e celebravam em seus hinos um só Deus, Criador do céu e da terra; seus descendentes, a quem os profetas de Deus lembravam a mesma verdade; os gentios que o aprenderam do universo, porque a criatura anuncia seu Criador e a ordem do mundo que a estabeleceu. Enfim, a Igreja, espalhada pelo mundo inteiro recebeu dos apóstolos esta mesma tradição. Sendo, pois, certo, pelo testemunho que lhe rendem todos os homens, que Deus é, não há nenhuma dúvida que aquele que nossos adversários inventaram é tanto sem prova como sem testemunho. Simão, o mago, foi o primeiro a dizer que era deus supremo. Seus sucessores não fizeram senão se contradizer nas impiedades que dirigiram contra o Criador, mostrando-se, assim, piores que os próprios pagãos. Pois se estes últimos adoram as criaturas, falsos deuses em lugar do próprio Criador, ao menos atribuem o primeiro lugar da divindade ao Deus Criador do universo, enquanto os ímpios que combatemos não passam de uma espécie de aborto".

"Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus" (Contra as Heresias 1,10,1).

"Nada há acima nem depois dele; foi ele que criou todas as coisas, não sendo movido por algo ou por alguém, mas por sua própria e espontânea vontade, por ser o único Deus, o

único Senhor, o único Criador, o único Pai, o único a conter tudo e a dar existência a tudo" (Contra as Heresias 2,1,1).

"Mas (...) se o Criador, livremente e de sua iniciativa, fez e ordenou todas as coisas e se a sua vontade é a única matéria donde tirou todas elas, então aquele que fez todas as coisas é o Deus único, o único Onipotente, o único Pai, que criou e fez todas as coisas, as visíveis e invisíveis, as sensíveis e as inteligíveis, as celestes e as terrestres. Com o Verbo de seu poder tudo compôs e tudo ordenou por meio da sua Sabedoria; ele que tudo contém e que nada o pode conter. Ele é o Artífice, o Inventor, o Fundador, o Criador, o Senhor de todas as coisas e não existe outro fora e além dele. Ele fez todas as coisas por si mesmo, isto é, pelo seu Verbo e Sabedoria" (Contra as Heresias 2,30,9).

Tertuliano de Cartago

"É preciso necessariamente que o Ser supremo seja único, isto é, sem igual (...) Se Deus não for único, não é Deus" (Marc. 1,3).

Concílio Ecumênico de Nicéia I

"Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis" (Símbolo de Nicéia).

* * *

c) O nome de Deus

"Deus disse a Moisés: 'Eu sou aquele que sou' E disse: 'Assim dirás aos filhos de Israel: 'Aquele que é enviou-me a vós'" (Êx. 3,14).

Ao revelar seu nome misterioso de Yahweh, "Eu Sou Aquele que É" ou "Eu Sou Aquele que Sou" ou também "Eu Sou Quem Sou", Deus declara quem Ele é e com que nome se deve chamá-Lo. Este nome divino é misterioso como Deus é mistério. Ele é ao mesmo tempo um nome revelado e como que a recusa de um nome, e é por isso mesmo que exprime, da melhor forma, a realidade de Deus como Ele é, infinitamente acima de tudo o que podemos compreender ou dizer: Ele é o "Deus escondido" (Is. 45,15), seu nome é inefável e Ele é o Deus que se faz próximo dos homens (CIC 206).

Tertuliano de Cartago

"A expressão 'Deus Pai' nunca fora revelada a ninguém. Quando o próprio Moisés perguntou a Deus quem Ele era, ouviu um outro nome. A nós este nome foi revelado no Filho, pois este Nome novo implica o nome novo de Pai" (Or. 3).

Anônimo (séc. IV)

"Ó Tu, além de tudo, não é isto o que se pode cantar a teu respeito? Que hino te dirá, que linguagem? Tu tens todos os nomes! Mas como te nomearei, Tu, o único que não se pode nomear?".

Agostinho de Hipona

"Quando quis manifestar-se como Criador à criatura, como Deus ao homem, como Imortal ao mortal, como Eterno ao temporal, disse Ele: 'Eu sou o que sou'. Tu dirias: 'Eu: quem sou eu?'. Gaio! Outro diria: Lúcio! (...) Que diria cada um senão o próprio nome? (...) Era também o que se esperava de Deus. Por isto, quando se lhe perguntou: 'Como te chamas? Que direi aos que me perguntarem sobre quem me enviou? Eu sou! - é este então o teu nome? É tudo o que te chamas? Mas seria o Ser teu nome, se não fossem nada, comparadas a ti, todas as outras coisas? Este é, pois, o teu nome (...) Quem me enviou foi Aquele que é!' Considere-se este 'é', realmente grandioso. Que é Deus senão Aquele que é? E o que é o que é? O eterno, porque na verdade o que é sempre uma coisa e outra, não é, não permanece" (Comentário ao Salmo 121).

"O nome de Deus é grande lá onde for pronunciado com o respeito devido à sua grandeza e à sua majestade. O nome de Deus é santo lá onde for proferido com veneração e com temor de ofendê-lo" (Serm. Dom. 2,45,19).

* * *

d) Deus é Todo-Poderoso

"Mas a Deus tudo é possível" (Mat. 19,26).

As Sagradas Escrituras professam reiteradas vezes o poder universal de Deus. Ele é chamado "o Poderoso de Jacó" (Gên. 49,24; Is. 1,24 etc.), "o Senhor dos exércitos", "o Forte, o Valente" (Sal. 24,8-10). Se Deus é todo-poderoso "no céu e na terra" (Sal. 135,6), é porque os fez. Por isso, nada Lhe é impossível e Ele dispõe à vontade da sua obra; Ele é o Senhor

do universo, cuja ordem estabeleceu, ordem esta que Lhe permanece inteiramente submissa e disponível; Ele é o Senhor da história: Ele governa os corações e os acontecimentos à vontade. "Teu grande poder está sempre a Teu serviço e quem pode resistir à força do Teu braço?" (Sab. 11,21) (CIC 269).

Agostinho de Hipona

"Senhor: dá o que ordenas e ordena o que quiseres" (Confissões 10,40).

"Sendo Deus onipotente, não pôde dar mais; sendo sapientíssimo, não soube dar mais; e sendo riquíssimo, não teve mais o que dar (=o seu próprio Filho)".

Ildelfonso de Toledo

"Se negas à Virgem sua maternidade ou sua virgindade, injurias grandemente a Deus: negas que Ele possa fazer a Sua vontade, que Ele possa manter virgem a quem encontrou virgem. Mas, então, a divindade do Onipotente antes trouxe detrimento do que benefício a Maria: enfeiou-a Aquele que a enchera de beleza ao criá-la. Cesse o pensamento que assim julga; cale-se a boca que assim fala; não ressoe tal voz!" (Sobre a Virgindade Perpétua de Maria).

* * *

e) Deus é justo, sábio e onisciente

"O Senhor conhece todas as obras do homem" (Eclo. 15,20b).

A onipotência divina de modo algum é arbitrária. Em Deus o poder e a essência, a vontade e a inteligência, a sabedoria e a justiça são uma só e mesma coisa, de sorte que nada pode entrar no poder divino, que não possa estar na vontade justa de Deus ou na sua inteligência sábia (CIC 271).

Hipólito de Roma

"A seguir, um dos bispos presentes, instado por todos, impondo a mão sobre o que é ordenado bispo, reze dizendo: 'Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que habitas as alturas e baixas o olhar para o que é humilde; tu, que

conheces todas as coisas antes de nascerem..." (Tradição Apostólica 2,3).

* * *

f) Deus se relaciona com o Homem

"Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que crê n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo. 3,16).

Depois da Queda, o homem não foi abandonado por Deus. Ao contrário, Deus o chama e Lhe anuncia de modo misterioso a vitória sobre o mal e o soerguimento da Queda. Esta passagem do Gênesis foi chamada de "Proto-Evangelho", por ser o primeiro anúncio do Messias redentor, a do combate entre a serpente e a Mulher, e a vitória final de um descendente desta última (CIC 410).

Ireneu de Lião

"Se a grandeza divina é imperscrutável, também sua bondade é inefável. Graças a ela, Deus se faz ver e concede a vida aos que o vêem. Seria impossível viver sem a vida, mas não há vida senão pela participação de Deus, participação que consiste em vê-lo e gozar de sua bondade (...) A glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus" (Contra as Heresias 4,20,7).

"O Pai aprova e decide; o Filho executa e modela; o Espírito fomenta e acrescenta; e o homem avança pouco a pouco até chegar à perfeição" (Contra as Heresias 4,32,3).

Orígenes de Alexandria

"Mas se alguém imagina que nestas coisas há mais superstição que maldade entre a multidão dos que crêem em nossa doutrina e acusa nossa religião de fazer supersticiosos, responder-lhe-emos o que respondeu um legislador (=Sólon) a quem lhe perguntava se dera a seus concidadãos as melhores leis: 'Não as melhores em absoluto, mas as melhores de que eram capazes'. Assim poderia dizer o Pai da doutrina cristã: 'Eu dei as melhores leis e ensinei a melhor doutrina de que eram capazes para a correção dos costumes, ameaçando com castigos que não são falsos, com penas infligidas aos pecadores, penas verdadeiras e necessárias que tendem a corrigir os maus, ainda que não compreendam inteiramente a vontade

daquele que os castiga e o efeito das penas. Porque tudo isto é dito para proveito, tanto segundo a verdade, quanto veladamente de maneira útil" (Contra Celso 3,79).

Ambrósio de Milão

"A Ele (Deus) falamos quando oramos e a Ele ouvimos quando lemos as Palavras Divinas" (De Officiis 1,20,88).

João Crisóstomo

"Quem é, pois, o ser que vai vir à existência cercado de tal consideração? É um homem, grande e admirável figura viva, mais precioso aos olhos de Deus do que a Criação inteira. É o homem! É para ele que existem o céu, a terra, o mar e toda a Criação; e é à salvação dele que Deus atribuiu tanta importância que nem sequer poupou seu Filho único em seu favor. Pois Deus não se cansou de tudo empreender para fazer o homem subir até Ele e fazê-lo sentar à sua direita" (Sermão sobre o Gênesis 2,1).

Agostinho de Hipona

"Vós sois grande, Senhor, e altamente digno de louvor: grande é o vosso poder e a vossa sabedoria não tem medida. E o homem - pequena parcela da vossa Criação - pretende louvar-Vos; precisamente o homem que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho de seu pecado e de que resistis aos soberbos. A despeito de tudo, o homem - pequena parcela da vossa Criação - quer louvar-Vos. Vós mesmo o incitais a isto, fazendo com que ele encontre suas delícias no vosso louvor, porque nos fizestes para vós e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em vós" (Confissões 1,1,1).

"Essa Luz (=Deus) está acima de mim, porque ela me fez, e eu, abaixo, porque fui feito por ela. Quem conhece a verdade, conhece esta Luz; e quem a conhece, conhece a eternidade" (Confissões 7,10,16).

"O Filho é enviado a cada um quando se torna por ele conhecido e experimentado" (Da Trindade 4,20,28).

"[Deus] comeu da nossa mesa para convidar-nos à Sua, à Ceia eterna" (Sermão sobre a Ressurreição).

"O objetivo essencial da vinda de Cristo foi revelar e fazer experimentar aos homens até que ponto Deus os ama".

"Aquele que te criou sem ti, não te salvará sem ti".

Papa Celestino I de Roma

"Tão grande é a bondade de Deus para com os homens, que desejou que sejam nossos méritos os seus próprios dons" (Indículo sobre a Graça de Deus).

Cirilo de Alexandria

"É recebendo a impressão do Espírito Santo que nós somos recriados à imagem de Deus (...) Ele se une ao coração dos que O recebem, como - digamos - o carimbo à cera. Em virtude de uma verdadeira união consigo e da semelhança assim induzida, faz Ele reviver os traços da imagem de Deus em nós".

* * *

g) A graça divina

"Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes" (Tg. 4,6b).

Nossa justificação vem da graça de Deus. A graça é o favor, o socorro gratuito que Deus nos dá para responder ao seu convite: tornar-nos filhos de Deus, filhos adotivos, participantes da natureza divina, da vida eterna (CIC 1996).

João Crisóstomo

"Considerai como Jesus Cristo nos ensina a ser humildes, ao fazer-nos ver que nossa virtude não depende só de nosso trabalho, mas da graça de Deus" (Homilia sobre o Evangelho de Mateus 19,5).

Agostinho de Hipona

"A graça nos doa não somente a vontade de fazer bem, mas também o poder de agir bem, não por meio de nossas próprias forças, mas mediante o socorro do Libertador" (Comentário à Epístola aos Romanos 13).

"Eu julgava que a continência dependia de minhas próprias forças (...), forças que eu não conhecia em mim. E eu era tão insensato que não sabia que ninguém pode ser continente se Vós [Senhor] não lho concedeis. E sem dúvida mo teríeis concedido, se com meus gemidos interiores vos ferisse os ouvidos e, com firme fé, depusesse em Vós os meus cuidados" (Confissões 66,11.20).

"Sem dúvida, operamos também nós, mas o fazemos cooperando com Deus que opera predispondo-nos com a sua misericórdia. E o faz para nos curar e nos acompanhará para que, uma vez santos, nos revigoremos; predispõe-nos para que sejamos chamados e acompanha-nos para que sejamos glorificados; predispõe-nos para que vivamos segundo a piedade e segue-nos para que com Ele vivamos para todo o sempre, pois sem Ele nada podemos fazer" (Da Natureza e da Graça 31).

"[A graça] pois começa com a Sua intervenção (=de Deus), fazendo com que nós queiramos e acaba cooperando com as moções da nossa vontade convertida" (Da Graça 17).

"Deus opera, portanto, sem nós, a fim de que possamos desejar [o amor]. Mas quando desejamos [o amor] e o queremos a fim de que possamos agir, Deus co-opera conosco" (Da Graça e Livre-Arbítrio 33).

"A graça veio primeiro; agora se entrega aquilo que é devido (...) Os méritos são dons de Deus" (Sermão 298,4.5).

Cirilo de Alexandria

"Nos nos tornamos pela graça aquilo que Deus é por natureza" (De Trin. Dial.).

* * *

h) Deus deve ser amado

"Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força" (Deut. 6,5).

Quando Lhe é feita a pergunta: "Qual é o maior mandamento da Lei?" (Mat. 22,36), Jesus responde: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento..." Jesus resumiu os deveres do homem para com Deus, com essas palavras (...). Essas palavras são um eco do apelo solene: "Escuta, Israel: o Senhor nosso Deus é o único" (Deut. 6,4-5). Deus amou primeiro. [Por isso,] o amor do Deus único é lembrado na primeira das "Dez Palavras" [, isto é, o Decálogo] (CIC 2055, 2083).

Pseudo-Clemente

"Cristo fez em relação a nós uma grande obra de

misericórdia: não oferecemos sacrifícios aos deuses mortos (...) mas conhecemos o Pai da Verdade" (2ª Carta aos Coríntios 3).

Agostinho de Hipona

"Para que o homem aprenda a amar a si mesmo, propõe-se-lhe um fim a que refira tudo quanto faz para ser feliz. Quem ama a si mesmo outra coisa não quer senão ser feliz. Esse fim é a união com Deus. A quem sabe amar a si mesmo, quando se lhe manda amar o próximo como a si mesmo, que outra coisa se lhe manda senão, quando estiver ao seu alcance, encarecer a outrem o amor a Deus? Esse o culto a Deus, essa a verdadeira religião, essa a reta piedade, essa a servidão devida apenas a Deus" (A Cidade de Deus 10,3).

"Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora!" (Confissões 10,27,38).

3. Jesus Cristo

Na história da Salvação, Deus não se contentou em libertar Israel da "casa da escravidão" (Deut. 5,6), fazendo-o sair do Egito. Salva-o também do seu pecado. Por ser o pecado sempre uma ofensa feita a Deus, só Ele pode perdoá-lo. Por isso, Israel, tomando consciência cada vez mais clara da universalidade do pecado, não poderá mais procurar a salvação a não ser na invocação do nome do Deus Redentor (CIC 431).

a) Seu nome

"E Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo" (Mat. 1,16).

"Jesus" quer dizer, em hebraico, "Deus salva". No momento da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, que exprime ao mesmo tempo sua identidade e missão. Uma vez que "só Deus pode perdoar os pecados" (Mc. 2,7), é Ele que, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, "salvará o Seu povo dos pecados" (Mat. 1,21). Em Jesus, portanto, Deus recapitula toda a Sua história de salvação em favor dos homens; "Cristo" vem da tradução grega do termo hebraico "Messias", que quer dizer "Ungido". Só se torna o nome próprio de Jesus porque este leva à perfeição a missão divina que significa. Com efeito, em Israel eram ungido em nome de Deus os que lhe eram consagrados para uma missão vinda dele. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raros casos, dos profetas. Esse devia ser, por excelência, o caso do Messias que Deus enviaria para instaurar definitivamente seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito Santo ao mesmo tempo como rei e sacerdote, mas também como profeta. Jesus realizou a esperança messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei (CIC 430, 436).

Ireneu de Lião

"É, aliás, o que indica o seu próprio nome, pois no nome de Cristo está subentendido Aquele que ungiu, Aquele que foi ungido e a própria unção com que Ele foi ungido. Aquele que ungiu é o Pai; Aquele que foi ungido é o Filho; e o foi no Espírito, que é a unção" (Contra as Heresias 3,18,3).

* * *

b) A Encarnação

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória" (Jo. 1,14a).

A fé na Encarnação verdadeira do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: "Nisto reconheceréis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1Jo. 4,2). Esta é a alegre convicção da Igreja desde o seu começo, quando canta "o grande mistério da piedade": "Ele foi manifestado na carne" (1Tim. 3,16) (CIC 463).

Inácio de Antioquia

"Nosso Deus, Jesus Cristo, tomou carne no seio de Maria segundo o plano de Deus" (Epístola aos Efésios 18).

"Jesus, da descendência de Davi, filho de Maria, de fato nasceu, comeu e bebeu" (Epístola aos Tralianos 9).

Justino Mártir

"Fez homem, por meio da Virgem, a fim de que o caminho que deu origem à desobediência instigada pela serpente fosse também o caminho que destruísse a desobediência. Eva era virgem e incorrupta; concebendo a palavra da serpente, gerou a desobediência e a morte. A Virgem Maria, porém, concebeu fé e alegria quando o anjo Gabriel lhe anunciou a boa nova de que o Espírito do Senhor viria sobre ela; a força do Altíssimo a cobriria com sua sombra, de modo que o Santo que dela nasceria seria o Filho de Deus. Então respondeu ela: 'Faça-se em mim segundo a tua palavra'. Da Virgem, portanto, nasceu Jesus, de quem falam as Escrituras (...) aquele por quem Deus destrói a serpente" (Diálogo com Trifão 100,4-5).

Ireneu de Lião

"No Cristo que nasce de Maria é a humanidade toda que renasce à vida. A solidariedade existente entre Cristo e os homens traz esta consequência: a concepção e o nascimento de Jesus já são a redenção por antecipação dos homens" (Contra as Heresias).

"Não podemos participar da imortalidade sem uma estreita união com o Imortal. Como poderíamos nos unir à imortalidade se ela não se houvesse feito o que somos?" (Contra as Heresias).

"Quando Ele (Jesus) se encarnou e se fez homem,

recapitulou em si mesmo a longa história dos homens e, em resumo, nos proporcionou a salvação, de sorte que aquilo que havíamos perdido em Adão, isto é, sermos à imagem e à semelhança de Deus, o recuperemos em Cristo Jesus (...) É aliás por isso que Cristo passou por todas as idades da vida, restituindo, com isto, a todos os homens, a comunhão com Deus" (Contra as Heresias 3,18,1.7).

"O Verbo de Deus fez-se homem e o Filho de Deus fez-se Filho do Homem para que o homem entreem comunhão com o Verbo de Deus e, por adoção, se torne filho de Deus. Realmente, não poderíamos ganhar de outra forma a eternidade e a imortalidade (...) se antes o Eterno e o Imortal não se tornasse aquilo que somos" (Contra as Heresias 3,19,1).

"O Verbo de Deus habitou no homem e fez-se Filho do homem para acostumar o homem a apreender a Deus e acostumar a Deus a habitar no homem, segundo o beneplácito do Pai" (Contra as Heresias 3,20,2).

"Por causa de seu imensurável amor, Deus se fez aquilo que somos para que pudesse Ele fazer de nós aquilo que Ele é" (Contra as Heresias 5, Prefácio).

"O que estava perdido (=Adão) tinha carne e sangue, pois Deus plasmou o homem apanhando barro da terra, e para ele foi estabelecida toda a economia da vinda do Senhor. Também Ele, pois, teve carne e sangue para recapitular em si não uma outra obra, mas a obra plasmada inicialmente pelo Pai, para procurar o que estava perdido" (Contra as Heresias 5,14,2).

"Se não fosse preciso salvar a carne, o Filho de Deus absolutamente não teria encarnado" (Contra as Heresias 5,14).

Tertuliano de Cartago

"A norma de fé é absolutamente uma só, imutável e irreformável: crer em um só Deus todo-poderoso, Criador do mundo, e em Jesus Cristo, seu Filho, nascido da Virgem Maria" (Do véu das virgens 1).

"Toma cuidado, Marcião, se pelo menos não rasuraste o texto! 'Deus escolheu o que era loucura aos olhos do mundo para encher de confusão sua sabedoria' (...) Procura, pois, o que Ele designou assim e, se te tornas forte de o teres já encontrado, haverá loucura maior do que crer em um Deus

que nasceu? (...) Haveria outra coisa que Deus pudesse ter escolhido para desafiar a sabedoria deste mundo? (...) Sim, há outras loucuras, tão loucas quanto essa, relativas às injúrias que Deus sofreu em sua paixão. É verdade: designa-se como sabedoria um Deus crucificado! Suprime também isso, Marcião! O que estou dizendo? Isso, de preferência. O que há mais indigno de um Deus e pelo que deve Ele envergonhar-se mais? Por nascer ou por morrer? Por carregar a carne ou a cruz? (...) Por estar deitado em um presépio ou depositado em um túmulo? Serás ainda mais sábio se te recusares a acreditar também nessas loucuras. Mas não poderias ser sábio, sem seres louco neste mundo, acreditando nas loucuras de Deus. Deus não foi realmente crucificado? Não morreu tão realmente quanto foi realmente crucificado? Não ressuscitou tão realmente quanto realmente morreu? Teria sido falsamente que Paulo decretou entre nós que ele nada mais sabia além de Jesus crucificado? Teria sido falsamente que foi colocado no túmulo? Que falsamente nos ensinou sua ressurreição? Nesse caso, nossa fé também é falsa e será apenas fantasma tudo que esperamos de Cristo (...) Eu te peço: poupa a única esperança do universo! (...) Tudo o que é indigno de Deus vem a ser vantagem para mim. Estou salvo se não me ruborizo por causa do meu Senhor (...) O Filho de Deus foi crucificado? Não me envergonho por isso, uma vez que é preciso envergonhar-se. O Filho de Deus morreu? É preciso acreditar, pois é absurdo. Ele foi sepultado, ressuscitou? É seguro, pois é impossível" (Da Carne de Cristo 4,5-5,4).

"Antes de tudo, será preciso apontar o motivo pelo qual o Filho de Deus devia nascer de uma Virgem: devia nascer de um modo novo o iniciador de um novo nascimento, acerca do qual o Senhor havia dado um sinal anunciado de antemão por Isaías. Qual era este sinal? 'A virgem conceberá e dará à luz um filho' (Is 7,14). Concebeu, pois, a Virgem e deu à luz ao Emanuel, que significa 'Deus conosco'" (Da carne de Cristo 17,2).

Hipólito de Roma

"Nós vos damos graças, ó Deus, por vosso Filho dileto Jesus Cristo (...) Vós o enviastes do céu ao ventre da Virgem e, aí, ao ser encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem" (Anáfora).

"[Cristo tomou] uma santa carne de uma santa Virgem" (Do Anticristo 4).

Hilário de Poitiers

"Não era Ele que precisava tornar-se homem, Ele que criou o homem. Nós é que precisávamos de que Deus se fizesse carne e habitasse em nós, isto é, precisávamos de que Ele, tomando uma carne individual, habitasse o interior de toda carne. Seu rebaixamento é nossa nobreza; suas ignomínias são nossa glória. Visto que Ele é Deus na carne, nós, de carne que somos, somos renovados pela Divindade" (Da Trindade 2,25).

Efrém da Síria

"O anjo Gabriel foi enviado a Maria para preparar uma morada para o seu Senhor. Nela, a raça dos homens vis e insignificantes se uniu com a raça divina que está acima de todas as paixões (...) Pela prole de Maria, tem sido abençoada aquela mãe que foi amaldiçoada em seus filhos (Gen 3,16), trazendo bênçãos, as mais profundas, a esta mulher cuja prole destruiu a morte e a Satanás. E no seio de Maria se fez criança Aquele que é igual a seu Pai desde a eternidade; comunicou-nos sua grandeza e assumiu nossa pequenez; conosco se fez mortal e nos infundiu sua vida a fim de livrar-nos da morte (...) Maria é o jardim ao qual desceu do Pai a chuva da bênção. Esta aspersão chegou até o rosto de Adão e, assim, Este recobrou a vida e se levantou do sepulcro, já que por seus inimigos tinha sido sepultado no Xeol" (Carmina Soguita 1).

Atanásio de Alexandria

"Sendo Deus, fez-se homem para nos divinizar" (Contra Ário 1,38).

"Se Ele (Jesus) houvesse querido somente ser aparente, teria podido assumir um corpo mais excelente. Mas, na realidade, tomou um corpo como o nosso, mesmo que de uma maneira não usual e corrente, pois o seu corpo é um corpo puro e não fruto de uma união marital. Ele assumiu (nossa humanidade) de uma Virgem inviolada, pura e que não conheceu varão. Com efeito, sendo Ele poderoso e criador de todas as coisas, edificou para si, na Virgem, um templo, ou seja, seu próprio corpo" (Da Encarnação do Verbo 8).

"Quando os teólogos explicam a respeito dele (=Jesus), que

comeu, bebeu e foi dado à luz, saiba que é o corpo enquanto corpo que foi dado à luz e comeu alimentos apropriados, mas Ele, o Deus Verbo unido ao corpo, ordenou todo o universo e, pelas obras que realizava no corpo, fazia-se conhecer não como um homem, mas como o Deus Verbo. No entanto, é dele que se diz isso, porque o corpo que comia, foi dado à luz e sofria não era de outro, mas exatamente o do Senhor. E como Ele se tornara homem, convinha dizer tais coisas como homem, para que seu corpo aparecesse verdadeiramente e não de maneira imaginária. Contudo, assim como Ele era conhecido por isso, segundo sua presença corporal, assim também as obras que realizava graças ao corpo faziam-no ser reconhecido como o Filho de Deus (...) Invisível, Ele é conhecido a partir das obras da criação; assim, também tornado homem e preservado dos olhares em um corpo, saberíamos, por suas obras, que não era um homem, mas o Poder e o Verbo de Deus que as realizava. De fato, ter os demônios sob o seu controle e expulsá-los não é obra humana, mas divina. Ora, vendo-o curar as doenças às quais está sujeito o gênero humano, como considerá-lo ainda um homem e não Deus? Ele purificava os leprosos, fazia os coxos andar, abria os ouvidos dos surdos, fazia os cegos enxergar; em resumo, expulsava para longe dos homens todas as doenças e toda enfermidade, e qualquer um podia, pois, contemplar sua divindade (...) Por isso, quando desce para nós, no princípio, Ele modela para Si um corpo nascido de uma Virgem, para oferecer a todos uma prova não desprezível de sua divindade, pois quem modelou aquele corpo é também o Autor dos outros corpos. Vendo esse corpo proveniente de uma Virgem sozinha, sem o concurso de um homem, quem não conclui que Aquele que se manifesta nesse corpo é também o Autor e o Senhor dos outros corpos? (...) E quando, com uma pequena quantidade de alimento, Ele deu de comer a uma multidão, que passou da penúria à abundância, de sorte que, com cinco pães saciou cinco mil homens, e ainda sobrava outro tanto, mostrava que era verdadeiramente o Senhor da universal providência" (Da Encarnação do Verbo 18).

"Pois o Filho de Deus se fez homem para nos tornar divinos" (Da Encarnação do Verbo 54,3).

"Como o corpo do Senhor foi colocado a sós no sepulcro, para que pudesse demonstrar sua ressurreição, talvez por

motivo semelhante seu corpo proveio de Maria, como filho único, para que crêssemos em sua origem divina" (Da Virgindade 2).

Gregório de Nanzianzo

"Qual é esse novo mistério que me diz respeito? Sou pequeno e grande, baixo e alto, mortal e imortal. Sou um com o mundo; sou outro com Deus; um com a carne, outro com o espírito. É preciso que eu seja sepultado com Cristo, que eu ressuscite com Ele, que seja herdeiro de céu com Ele, que eu me torne filho de Deus, que eu me torne divino (=entre em íntima comunhão com Deus) (...) Vede o que é para nós o grande mistério; vede o que é para nós o Deus feito carne, feito pobre em nosso favor: Ele veio reerguer a carne, salvar sua imagem, restaurar o homem; Ele veio fazer-nos plenamente um em Cristo; em Cristo, que veio totalmente a nós, para colocar em nós tudo o que Ele é. Não há mais nem homem nem mulher, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre (Col. 3,11), características da carne. Há apenas a imagem de Deus, que todos trazemos em nós, segundo a qual fomos criados, e que é preciso formar e gravar em nós tão nitidamente que ela baste para nos identificar" (Oração 7,23).

"Na forma de escravo, Ele (=Cristo) desce para junto dos seus companheiros de servidão; junto aos escravos, Ele forma em Si mesmo o que lhe é estranho. Ele me carrega todo inteiro em Si, com as minhas misérias, para consumir em Si o que é meu, como o fogo consome a cera, como o sol absorve os vapores da terra, para me fazer participar de todos os seus bens e se unir a mim" (Oração 30,6).

Gregório de Nissa

"Doente, a nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta, ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem; era preciso no-la restituir. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos à luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus ao ponto de fazê-lo descer até à nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade se encontrava em um estado tão miserável e tão infeliz?" (Or. Catech. 15).

"Deus Filho, que é Deus por natureza, Senhor do universo, Rei da Criação, princípio primeiro dos seres e restaurador de

tudo o que caiu, dignou-se, em sua grande bondade, não rejeitar da sua comunhão a nossa natureza decaída. Quis acolhê-la de novo na vida. Ele é a vida. Eis por que, nos fins dos tempos, quando nossa maldade chegara ao auge, para que o remédio se aplicasse a toda a extensão do mal, Ele quis mesclar-se à humildade da nossa natureza, tornando a humildade em Si e tornando-se Ele mesmo homem. Ele o explica aos discípulos: 'Eu em vós e vós em Mim' (Jo. 14,20). Por esta mescla, o homem se tornou o que Ele era: Ele era o Altíssimo; em consequência, o homem, pequeno até então, foi elevado. No entanto, Ele, o Altíssimo, não precisava ser elevado. O Verbo já era Cristo e Senhor, mas aquele que foi assumido tornou-se elevado" (Antirrheticus contra Apollinarem 53).

Epifânio de Salamina

"Dela, na verdade, o Senhor nascera, quanto ao corpo; sua encarnação não fora aparente, mas real. E se ela não fosse verdadeiramente sua Mãe, aquela de quem recebera a carne e que o dera à luz, não se preocuparia tanto em recomendá-la como a sempre Virgem. Sendo sua Mãe, não admitia mancha alguma na sua honra e no admirável vaso do seu corpo".

João Crisóstomo

"Ó Filho único e Verbo de Deus: sendo imortal, vos dignaste, pela nossa salvação, encarnar-vos da Santa Mãe de Deus e sempre virgem Maria, vós que sem mudança vos tornaste homem e foste crucificado, ó Cristo Deus, que pela vossa morte esmagaste a morte; sois Um na Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo. Salvai-nos!" (O Monoghenis).

Agostinho de Hipona

"Cristo se fez homem para que o homem se tornasse divino".

"Enquanto Cristo é gerado pelo Pai, Deus de Deus, não é sacerdote. Ele o é em razão da carne que assumiu, em razão da vítima que oferece e recebeu de nós" (Sermão 232,2).

"Nosso Senhor entrou por sua livre vontade no seio da Virgem (...) Engravidou sua Mãe, todavia sem privá-la da sua virgindade. Tendo-se formado a si mesmo, saiu e manteve íntegras as entranhas da mãe. Desta maneira,

revestiu aquela de quem se dignou nascer, com a honra de Mãe e com a santidade de Virgem. Que significa isso? Quem pode dizê-lo? Quem o pode calar? Coisa admirável! Mas não nos é permitido calar aquilo de que somos incapazes de esclarecer (...) Não obstante, sentimo-nos constrangidos a louvar, para que o nosso silêncio não seja sinal de ingratidão. Graças sejam dadas a Deus! Aquilo que não se pode exprimir dignamente, pode-se crer firmemente" (Sermão 215,3).

"Mas os católicos (...), ao contrário, sempre creram na virgindade de santa Maria, no parto. Ele tomou de Maria um corpo real e autêntico, tendo sua Mãe permanecido virgem no parto, assim como depois do parto" (Contra Juliano 1,2,4).

"O seio de Maria é a câmara nupcial. É aí que Ele (Jesus) se tornou a cabeça da Igreja" (Comentário sobre o Evangelho de João).

"Para esse fim (a Encarnação) criou a Virgem, essa que Ele escolheu para que lhe desse o ser em seu seio" (De Peccatorum Meritis et Remissione 2,24,38).

"Está dito: 'Jesus Cristo foi formado 'da estirpe de Davi segundo a carne', conforme o Apóstolo (Rom 1,3). Isso significa que foi modelado do limo da terra (Gen 2,7)" (De genesi ad manichaeos 2,24,37).

"Não prestemos atenção aos que dizem que Nosso Senhor teve um corpo formado, do mesmo modo como o que se manifestou naquela pomba que João Batista viu descer do céu e pousar sobre a cabeça de Jesus, como símbolo do Espírito Santo. As pessoas que assim afirmam pretendem nos persuadir de que o Filho de Deus não nasceu realmente de uma mulher (...) Ora, acontece aqui grande mistério pois, assim como por uma mulher a morte veio até nós, a vida vem a nascer para nós por meio de uma mulher. De tal forma que, por uma e outra natureza, isto é, a feminina e a masculina, o demônio havia de ser vencido e atormentado, ele que se alegrava pela ruína de ambas essas naturezas. Teria sido pouco para seu castigo, caso as duas naturezas tivessem sido salvas, sem que fôssemos libertados por um e outro sexo. E também, pelo que dissemos acima, não queremos entender que unicamente o Senhor Jesus Cristo teve um corpo verdadeiro, e que o Espírito Santo apareceu ao olhos dos homens sob certa forma enganosa; ao

contrário, cremos que esses dois corpos - o do Senhor e o da pomba - foram corpos verdadeiros. Com efeito, não convinha que o Filho de Deus enganasse os homens, tampouco que o Espírito Santo os enganasse, já que ao Deus onipotente, que formou do nada toda a criação, não teria sido difícil formar um corpo verdadeiro para a pomba, sem a colaboração de outras pombas, assim como não foi difícil para ele formar, sem colaboração humana, um corpo verdadeiro no seio de Maria. Isto porque a natureza corpórea, tanto nas entranhas de uma mulher, para aí ser formado um novo ser, como nesta terra, para ser formada uma pomba, tudo obedece à ordem e à vontade do Senhor" (De agone christiano 22,24).

"Desceu até nós a vida! Tomou sobre si nossa morte! Exterminou-a com a superabundância de sua própria vida! Com voz de trovão, chamou-nos para que voltássemos até ele, nesse santuário misterioso de onde veio até nós! Entrou primeiramente no seio da Virgem, onde se uniu à natureza humana, à nossa carne mortal, a fim de torná-la imortal. E de lá, 'como o esposo que sai da câmara nupcial, exultou como um herói para percorrer o seu caminho' (Sl 18,6)" (Confissões 4,12,19).

"Na verdade, naquele tempo, eu pensava que Cristo, o meu Senhor, era apenas homem de extraordinária sabedoria, ao qual ninguém poderia igualar-se, sobretudo devido a seu milagroso nascimento de uma virgem; e isso, tendo sido realizado para dar-nos o exemplo de menosprezo pelos bens temporais e também para chegarmos a atingir feliz imortalidade. Parecia-me ter ele recebido tão excepcional autoridade de magistério graças à solícitude da Providência Divina para conosco. Todavia, nem ao menos podia eu imaginar qual o mistério encerrado nas palavras: 'E o verbo se fez carne' (Jo 1,14). Confesso que só bem mais tarde vim a perceber como o significado dado pela fé católica às palavras 'E o verbo se fez carne' vinha a cortar o erro falacioso de Fotino" (Confissões 7,19,25).

"A carne para nada serve, se ela estiver só. Que o Espírito (=divindade) se junte a ela, como a caridade se pode juntar à ciência, e então ela servirá muito. Pois se a carne para nada servisse, o Verbo não se teria feito carne para habitar entre nós. Se Cristo muito nos valeu encarnando-se, como é que a carne para nada serve? Eis, contudo, que o Espírito se empenhou em nossa salvação mediante a carne"

(Comentário sobre o Evangelho de João 27,5).

"Enquanto Cristo é gerado pelo Pai, Deus de Deus, não é sacerdote. Ele o é em razão da carne que assumiu, em razão da vítima que oferece e recebeu de nós" (Sermão 232,2).

Cirilo de Alexandria

"De todos os outros poder-se-ia dizer: 'A carne para nada serve'. Mas de Cristo, tal não pode ser dito, já que em Sua Carne habita a vida" (In Joannem 4).

Máximo Confessor

"A natureza humana do Filho de Deus, não por si mesma mas pela sua união ao Verbo, conhecia e manifestava nela tudo o que cabe a Deus" (Qu. Dub. 66).

Ildelfonso de Toledo

"(Maria) Fecundada pelo Verbo e por Ele repleta, dignamente deu-O à luz, em nascimento humano sim, conforme a condição e a verdade das coisas humanas, mas de modo intacto, incorrupto e totalmente íntegro" (Sobre a Virgindade Perpétua de Maria).

Anastácio do Sinai

"Disse Deus, o Criador Trino: 'Façamos o homem à nossa imagem'. E essa imagem já é, de antemão, o Filho encarnado" (In. Hex. 6).

* * *

c) Verdadeiramente Homem e Deus

"Respondeu Tomé [a Jesus]: 'Meu Senhor e meu Deus!'" (Jo. 20,28).

O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que Ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiramente Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade de fé, a Igreja teve que defendê-la e clarificá-la no decurso dos primeiros séculos face a heresias que a falsificavam (CIC 464).

Inácio de Antioquia

"Há um médico na carne feito Deus, Filho de Maria e Filho de Deus: Jesus Cristo" (Epístola aos Efésios 7,2).

Justino Mártir

"Cristo pré-existe como Deus antes dos séculos" (Diálogo com Trifão 48,1).

Ireneu de Lião

"Se o adversário do homem não tivesse sido derrotado pelo próprio homem, o inimigo não teria sido vencido verdadeiramente. Por outro lado, se não tivesse sido Deus a nos dar a salvação, não a teríamos recebido de modo permanente (...) O Mediador de Deus e dos homens, graças ao seu parentesco com ambos, devia levá-los à amizade e à concórdia e fazer com que Deus assumisse o homem e o homem se oferecesse a Deus (...) [Cristo é] salvação porque é carne" (Contra as Heresias 3,9,3.10,3).

Clemente de Alexandria

"Irmãos, este é o conceito que devemos fazer de Jesus Cristo: considerá-lo Deus".

Tertuliano de Cartago

"Pensamos que Cristo se manifestou exatamente como Deus e homem (...) sendo, com certeza, sob todos os aspectos, Filho de Deus e filho do homem, sem dúvida segundo uma e outra substância, diferentes em suas peculiaridades, pois o Verbo não é outra coisa senão Deus e a carne não é outra coisa senão o homem (...) Vemos esse duplo estado, não confuso, mas unido numa só pessoa: Jesus, Deus e homem (...) [Em Cristo] é preservada a peculiaridade de uma e outra substância, pois nele o Espírito executou suas operações, ou seja, os seus milagres, as suas obras e os seus sinais, e a carne experimentou suas paixões, a fome com o diabo, a sede (...), as lágrimas (...), a angústia (...), a morte (...) Uma vez que ambas as substâncias agiam distintamente, cada qual conforme sua natureza, por esse mesmo motivo elas encontraram suas obras e suas conclusões" (Contra Praxéas 27,10-11.13).

Orígenes de Alexandria

"Dizemos que o seu corpo mortal e a alma humana que nele reside adquiriram a maior excelência não apenas pela comunhão, mas também pela união e fusão com ele e que,

participando de sua divindade, transformaram-se em Deus" (Contra Celso 3,41).

Pseudo-Clemente

"Devemos estar convencidos de que Jesus Cristo é Deus e juiz dos vivos e dos mortos; somente assim não valorizaremos demasiadamente pouco a nossa salvação, pois, se tivermos d'Ele um conceito mesquinho, igualmente mesquinho será o objeto de nossa esperança. Quem ouve estas coisas e pouco as estima peca; e também nós pecamos se não levamos em conta quem nos chamou, de onde e para qual destino nos chamou, e também se não consideramos as dores que Jesus Cristo quis sofrer por nós" (2ª Epístola aos Coríntios 1).

Eusébio de Cesaréia

"Todos estes escritores (=Justino, Melcíades, Taciano, Clemente etc.) falam de Cristo como de um Deus. Quem não conhece os livros de Ireneu, de Melitão e de outros em que se proclama que Cristo é Deus e homem? Quem ignora os nossos cânticos e os hinos escritos por irmãos fiéis desde as origens, onde eles cantam o Cristo como o Verbo de Deus e o celebram como Deus?" (História Eclesiástica 5,28,4).

Hilário de Poitiers

"Ela (=uma fé sólida) não concebe Deus segundo as idéias que caracterizam a opinião comum e não julga Cristo segundo os princípios do mundo, pois nele reside realmente a plenitude da divindade (...) Deixou-se crucificar (...), sofreu na natureza humana. Deus realizou essas coisas, que ultrapassam os limites do entendimento próprios da natureza humana e não estão sujeitas à percepção natural de nosso intelecto, pois uma obra eterna e infinita exige uma capacidade entender igualmente infinita" (Da Trindade 1,13).

Efrém da Síria

"E no seio de Maria se fez criança Aquele que é igual a seu Pai desde a eternidade; comunicou-nos sua grandeza e assumiu nossa pequenez; conosco se fez mortal e nos infundiu sua vida a fim de livrar-nos da morte" (Carmina Soguita 1).

Atanásio de Alexandria

"A verdade mostra que o Verbo não pertence aos seres criados, mas que é, antes, Ele próprio, o Criador deles. Assim, tomou o corpo humano criado para renová-lo como Criador e divinizá-lo em Si mesmo, introduzindo-nos, dessa maneira, no Reino dos Céus à sua semelhança. O homem, solidário com a criação, não teria sido divinizado se o Filho não fosse Deus verdadeiro; o homem não se aproximaria do Pai se Aquele que revestiu o corpo não fosse, por natureza, seu Verbo verdadeiro. Assim como não teríamos sido libertados do pecado e da maldição se não fosse uma carne humana, por natureza, que o Verbo tivesse revestido (...), assim o homem não teria sido divinizado se o Verbo feito carne não fosse, por natureza, nascido do Pai, seu Verbo verdadeiro e próprio. É porque a união se realizou dessa maneira que associa o homem Àquele que pertence, por natureza, à divindade e que sua salvação e divinização sejam firmemente seguras (...) Porque o Verbo era, por natureza, Deus verdadeiro - apesar do delírio dos arianos - e tornou-se para nós, nessa carne, príncipe da Nova Criação, sendo Ele mesmo criado homem para nós e abrindo-nos esse caminho [da Nova Criação]" (Contra os Arianos 2,70).

"Como o corpo do Senhor foi colocado a sós no sepulcro, para que pudesse demonstrar sua ressurreição, talvez por motivo semelhante seu corpo proveio de Maria, como filho único, para que crêssemos em sua origem divina" (Da Virgindade 2).

Gregório de Nanzianzo

"O Antigo Testamento revela-nos claramente o Pai, enquanto que o Filho ficou esquecido, na penumbra. O Novo Testamento revelou-nos claramente o Filho, e somente indiretamente nos fez entender a divindade do Espírito Santo. Mas agora, o Espírito Santo habita em nosso meio e dá-nos uma demonstração mais evidente do que Ele é. Não teria sido prudente proclamar abertamente a divindade do Filho antes que fosse reconhecida a divindade do Pai, ou impor a função do Espírito Santo - se é lícito expressar-me numa forma tão ousada - quando ainda a divindade do Filho não era ainda reconhecida" (Or. 31,26).

Ambrósio de Milão

"No próprio [Cristo] encontrarás muitas coisas de acordo

com a natureza e além dela (...), mas sobretudo o fato de que a Virgem concebeu e gerou para que tu cresses que era Deus que renovava a natureza e era homem aquele que, de acordo com a natureza, nascia do homem" (Da Encarnação 54).

João Crisóstomo

"Ó Filho único e Verbo de Deus: sendo imortal, vos dignaste, pela nossa salvação, encarnar-vos da Santa Mãe de Deus e sempre virgem Maria, vós que sem mudança vos tornaste homem e foste crucificado, ó Cristo Deus, que pela vossa morte esmagaste a morte; sois Um na Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo. Salvai-nos!" (O Monoghenis).

Agostinho de Hipona

"Cristo é Deus; Cristo é homem. Até que ponto é Deus? Até ao ponto de ser igual ao Pai, um com o Pai. Até que ponto é homem? Até ao ponto de nascer da Virgem, de assumir do homem a mortalidade, sem assumir a iniquidade" (Comentário ao Evangelho de João 36,2).

"Quem puder entender uma palavra antes que ressoe pronunciada, antes mesmo que se forme na mente uma imagem de seu som, isto é, que não pertença ainda a nenhum idioma conhecido (...) esse poderá perceber, como um espelho e em enigma, uma semelhança com aquele Verbo do qual está escrito: 'No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus'". Da Trindade 1,15,20).

Cirilo de Alexandria

"De fato, a Escritura, verdadeiramente inspirada por Deus, afirma que a Palavra de Deus se fez carne, uniu-se à alma dotada de alma racional. Portanto, a Palavra de Deus assumiu a descendência de Abraão e formando para si um corpo vindo de uma mulher, tornou-se participante da carne e do sangue. Assim, já não é somente Deus mas também homem, semelhante a nós, em virtude da sua união com a nossa natureza. Por conseguinte, o Emanuel, Deus conosco, possui duas realidades, isto é, a divindade e a humanidade. Todavia é um só Senhor Jesus Cristo, único e verdadeiro Filho por natureza, ainda que ao mesmo tempo Deus e homem. Não é apenas um homem divinizado, igual àqueles que pela graça se tornam participantes da natureza divina,

mas é verdadeiro Deus que, para a nossa salvação, se tornou visível em forma humana, conforme Paulo testemunha com as seguintes palavras: 'Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sujeito à Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que todos recebêssemos a filiação adotiva' (Gál 4,4-5)" (Maria, Mãe de Deus).

Concílio Ecumênico de Calcedônia

"Na linha dos Santos Padres, ensinamos, unanimemente, a confessar um só e mesmo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito em divindade e perfeito em humanidade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto de uma alma racional e de um corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade, consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante a nós em tudo com exceção do pecado (Hb 4,15), gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nesses últimos dias para nós e para a nossa salvação, nascido da Virgem Maria, Mãe de Deus segundo a humanidade. Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudanças, sem divisão, sem separação. A diferença de naturezas não é de modo algum suprimida pela união mas, antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas em uma só pessoa e uma só hipóstase".

Papa Leão I Magno de Roma

"O nascimento [do Filho] no tempo, entretanto, nada tirou e nada acrescentou a seu nascimento eterno divino (...) Pois é verdade que o Espírito Santo deu fertilidade à Virgem, embora a realidade do seu corpo fosse recebida do corpo dele (...) Permanecendo íntegras as propriedades das duas naturezas, unidas numa única pessoa, a majestade assumiu a humildade, a força a fraqueza, a eternidade a mortalidade, a natureza inviolável uniu-se à natureza que pode sofrer(...) O Deus verdadeiro desceu com a natureza completa e perfeita de verdadeiro homem, perfeito em sua natureza divina e perfeito na nossa (...) Cada natureza guarda as suas características sem qualquer diminuição, de tal maneira que a forma de servo não reduz a forma de Deus (...) Aquele que é invisível por sua natureza, torna-se visível pela nossa; infinito, quis ser limitado num espaço; subsistente antes do tempo, começou a viver no tempo (...)

Deus impassível, dignou-se tornar homem sujeito ao sofrimento e, imortal, de submeter-se à lei da morte (...) Aquele que é verdadeiro Deus e também verdadeiro homem e não há nenhum engano nesta unidade, onde se reúnem a humildade do homem e a sublimidade da divindade. Assim como Deus não mudou por causa de sua misericordiosa condescendência, também o homem não foi absorvido pela dignidade divina. Cada uma das duas naturezas opera em comunhão com a outra, naquilo que lhe é próprio. O Verbo faz o que é próprio ao Verbo; a carne faz o que é próprio à carne (...) Uma única e mesma pessoa é ao mesmo tempo verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro filho do homem (...) Pois ainda que em Cristo nosso Senhor haja uma pessoa Deus-Homem, o princípio que comunica a ambas as naturezas as ofensas é distinto do princípio que lhes torna comum à glória (...) No Senhor Jesus, Deus e homem, formam uma única pessoa, mas a humildade e a glória que se refletem nela provêm de fontes diversas. De nós, com efeito, ele tem a humanidade inferior ao Pai; do Pai, a divindade igual ao Pai" (Tomus ad Flavianum 3.4).

"Jesus Cristo é Deus porque está escrito: 'No princípio era o Verbo'. E é homem porque se diz: 'E o Verbo se fez carne'" (Tomus ad Flavianum).

Basílio de Selêucia

"Quando contempla essa divina criança, vencida - imagino - pelo amor e pelo temor, ela (Maria) assim falaria consigo mesma: 'Que nome posso dar a meu Filho, que lhe caia bem? Homem? Mas sua concepção é divina (...) Deus? Mas por sua encarnação assumiu a condição humana (...) Que farei por ti? Alimentar-te-ei com leite ou te celebrarei como a Deus? Cuidarei de ti como uma mãe ou te adorarei como uma escrava? Abraçar-te-ei como a um filho ou te suplicarei como a Deus? Oferecer-te-ei leite ou te levarei perfumes?'" (Homilia sobre a Mãe de Deus 5).

Ildelfonso de Toledo

"[Maria] fecundada pelo Verbo e por Ele repleta, dignamente deu-O à luz, em nascimento humano sim, conforme a condição e a verdade das coisas humanas, mas de modo intacto, incorrupto e totalmente íntegro (...) E após o nascimento do Verbo encarnado, após a natividade do homem assumido em Deus, do homem unido a Deus, (Maria é) mais santa virgem ainda, santíssima, mais bem-

aventurada, mais gloriosa, mais nobre, mais honrada, mais augusta" (Sobre a Virgindade Perpétua de Maria).

João Damasceno

"A Santa Virgem não gerou simplesmente um homem nu, mas um Deus verdadeiro, não nu, mas encarnado" (Da Fé Ortodoxa 3,12).

* * *

d) Filho Único de Deus

"Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: Deus enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que, por Ele, tenhamos a vida" (1Jo. 4,9).

Os Evangelhos narram em dois momentos solenes – o Batismo e a Transfiguração de Cristo – a voz do Pai que o designa como seu "Filho bem amado". Jesus designa-se a Si mesmo como "o Filho Único de Deus" (Jo. 3,16) e afirma com este título a sua preexistência eterna. Exige a fé "em nome do Filho Único de Deus" (Jo. 3,18). Esta confissão cristã aparece já na exclamação do centurião diante de Jesus na cruz: "Verdadeiramente este homem era Filho de Deus" (Mc. 15,39), pois é somente no Mistério Pascal que o crente pode captar o alcance último do título "Filho de Deus" (CIC 444).

Concílio Regional de Antioquia

"Cremos (...) em um só Deus onipotente, imutável e eterno, que cuida de tudo e tudo dirige; justo, bom, criador do céu e da terra e de quanto nela se contém; Senhor da Lei, dos profetas e do Novo Testamento. E em um só Senhor, Jesus Cristo, filho único, o qual nasceu não do nada, mas do Pai, não como uma obra, mas em sentido próprio, como um Filho, que foi gerado de maneira inefável (...) que era de todos os tempos" (Símbolo).

Concílio Ecumênico de Nicéia I

"Cremos (...) em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido do Pai como unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por quem foi feito tudo que há no céu e na terra" (Símbolo de Nicéia).

Serapião de Thmuís

"Nós louvamos a Ti, conhecido através do Filho único, por Ele revelado, explicado e dado a conhecer à natureza criada" (Anáfora 1,3).

Agostinho de Hipona

"O Filho é enviado a cada um quando se torna por Ele (=Pai) conhecido e experimentado" (Da Trindade 4,20,28).

"Já era Filho único do Pai aquele que nasceu como filho único de sua Mãe" (Sermão 192,1).

"Pois não existe outro mistério de Deus a não ser Cristo" (Epístola 187,11).

"Jesus Cristo é o sacramento de Deus" (Epístola 187,34).

Cirilo de Alexandria

"Por Maria, o Filho unigênito de Deus veio 'iluminar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte' (Lc 1,77)" (Homilia no Concílio de Éfeso).

Concílio Regional de Friul

"A natureza humana que ele (Cristo) assumiu nunca o afastou do Pai (...) Por natureza, Filho do Pai segundo a divindade; por natureza, Filho da Mãe (Maria) segundo a humanidade. Mas, propriamente, Filho de Deus nas suas duas naturezas".

* * *

e) Sua Primeira Vinda

"Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido da mulher, sob a lei" (Gal. 4,4).

Este é "o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (Mc. 1,1): Deus visitou o seu povo, cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência; fé-lo para além de toda expectativa: enviou Seu "Filho bem-amado" (Mc. 1,11) (CIC 422 *in fine*).

Gregório de Nissa

"Quanto a isto (=primeira vinda de Jesus), o pouco que temos para dizer é que o adiamento do benefício se deu por

uma razão de sabedoria e providência, referente à cura de nossa natureza. Quando em nossas doenças do corpo se forma uma secreção purulenta, os médicos costumam esperar que atinja certo grau e venha à superfície, para empregarem os remédios. Assim também o Médico do Universo esperou que o mal do vício, uma vez contaminando a natureza humana, se exteriorizasse completamente. Por isto, não usou de sua terapia imediatamente depois da inveja e do fratricídio de Caim, pois ainda não se haviam manifestado os pecados do tempo de Noé, de Sodoma etc.” (Oração Catequética 29)

* * *

f) Homem sem pecado

“Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas enfermidades, mas que foi tentado em tudo à nossa semelhança, exceto no pecado” (Hb. 4,15).

Jesus não conheceu a reprovação, como se Ele mesmo tivesse pecado. Mas no amor redentor que sempre O unia ao Pai, nos assumiu na perdição de nosso pecado em relação a Deus ao ponto de poder dizer em nosso nome, na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc. 15,34; Sal. 22,1). Tendo-O assim tornado solidário de nós, pecadores, “Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” (Rom. 8,32), a fim de que fôssemos “reconciliados com Ele pela morte de Seu Filho” (Rom. 5,10) (CIC 603).

Clemente de Alexandria

“Nosso Pedagogo, ó filhos, assemelha-se a Deus, seu Pai: é o Filho de Deus, sem pecado, sem repreensão. Sua alma é impassível. Deus imaculado sob forma humana, ministro do Pai, que vem da direita do Pai, Deus sob a forma humana. Ele é para nós a imagem imaculada, à qual de todas as forças devemos tender a assimilar nossa alma. Mas Ele é livre de todas as paixões humanas. Único Juiz porque é o único sem pecado. E nós, enquanto pudermos, esforcemo-nos por pecar o menos possível” (O Pedagogo 1,2,4).

Agostinho de Hipona

“Cristo é Deus; Cristo é homem. Até que ponto é Deus? Até ao ponto de ser igual ao Pai, um com o Pai. Até que ponto é

homem? Até ao ponto de nascer da Virgem, de assumir do homem a mortalidade, sem assumir a iniquidade" (Comentário ao Evangelho de João).

"Desde que o Verbo assumiu a natureza humana, a graça foi como que natural para este Homem, intocável pelo pecado. E se essa graça devia ser atribuída ao Espírito Santo é porque o Espírito Santo existe em Deus de tal sorte que se chama o Dom de Deus" (Enchiridion 40).

* * *

g) Novo Adão

"Porque assim como a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos; e assim como todos morrem em Adão, todos também serão vivificados em Cristo" (1Cor. 15,21-22).

"Toda a vida de Cristo é mistério de recapitulação. Tudo o que Jesus fez, disse e sofreu, tinha por meta restabelecer o homem caído na sua vocação primeira, como diz Santo Ireneu: "Quando Ele se encarnou e se fez homem, recapitulou em Si mesmo a longa história dos homens e, em resumo, nos proporcionou a salvação, de sorte que aquilo que havíamos perdido em Adão, isto é, sermos à imagem e à semelhança de Deus, o recuperemos em Cristo Jesus. É aliás, por isso, que Cristo passou por todas as idades da vida, restituindo com isto a todos os homens a comunhão com Deus" (Contra as Heresias 3,18,1.7) (CIC 518).

Efrém da Síria

"Refrão: Torna-me digno em tua bondade / para que entremos em teu Paraíso (...) - [1] Adão, nu, era belo; sua mulher, diligente / Labutou para tecer-lhe uma veste de desonras / O Jardim, vendo-o, e achando-o hediondo, dele o expulsou / Mas, para ele, por Maria, uma nova túnica foi feita / Assim ornamentado e segundo a promessa, o ladrão resplandece / O Jardim, revendo Adão, em sua imagem, acolheu-o. - [2] Moisés, tendo duvidado, viveu mas não entrou / Na Terra Prometida, barrado pelo Jordão / Adão, tendo pecado, deixou o Jardim da Vida / Fechado pelo querubim; mas, por nosso Senhor / Os dois sepultados, puderam então entrar, pela ressurreição: / Moisés nesse país, Adão no Paraíso" (Hino sobre o Paraíso).

Gregório de Nanzianzo

"Cristo opôs lenho ao lenho, pôs as suas mãos sobre as mãos, as suas mãos generosamente abertas sobre aquelas que se haviam aberto por cupidez, as suas mãos pregadas à cruz sobre as mãos que haviam caído por desânimo, suas mãos que abraçam a terra inteira sobre aquelas que fizeram expulsar Adão" (Oração 2,25).

Pedro Crisólogo

"Paulo ensina-nos que dois homens estão na origem do gênero humano: Adão e Cristo (...) 'O primeiro Adão' - diz ele - 'foi criado como um ser humano que recebeu a vida; o segundo é um ser espiritual que dá a vida'. O primeiro foi criado pelo segundo, de quem recebeu a alma que o faz viver (...) O segundo Adão estabeleceu a sua imagem no primeiro Adão quando o modelou e assim se revestiu da natureza deste último e dele recebeu o nome, a fim de não deixar perder aquilo que havia feito à sua imagem. Primeiro Adão, segundo Adão: o primeiro começou; o segundo não acabará, pois o segundo é verdadeiramente o primeiro, como Ele mesmo disse: 'Eu sou o Primeiro e o Último'" (Sermão 117).

Agostinho de Hipona

"Na história de dois homens - dos quais um nos nos perdeu em si, executando sua vontade e não d'Aquele que o criara, e o outro nos salvou em si, fazendo não sua vontade, mas a d'Aquele que o enviara - na história desses dois homens consiste propriamente toda a fé cristã" (Da Graça de Cristo e do Pecado Original 2,24).

"Um homem portanto e um outro; e como o primeiro constitui um só, o outro constitui também um só" (Obra Imperfeita contra Juliano 6,31).

"Um (=Adão) é para a morte; o outro (=Jesus) é para a vida" (Sermão 151).

"Ninguém nasce para a morte senão por Adão; ninguém nasce para a vida senão por Cristo" (Sermão 293).

"Todo homem é Adão, assim como entre os fiéis, todo homem é Cristo, porque todos são os membros de Cristo" (Sermão 2 sobre o Salmo 70).

* * *

h) Verbo do Pai

"E vestia uma roupa salpicada de sangue: o seu nome é Verbo de Deus" (Apoc. 19,13).

Na catequese, é Cristo, Verbo encarnado e Filho de Deus, que é ensinado. Todo o resto está em relação a Ele; e somente Cristo ensina; todo outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca... Todo catequista deveria poder aplicar a si mesmo a misteriosa palavra de Jesus: "Minha doutrina não é Minha, mas d'Aquele que Me enviou" (Jo. 7,16) (CIC 427).

Teófilo de Antioquia

"Ao gerar o Verbo, [o Pai] não ficou privado de seu Verbo" (A Autólico 2,22).

Ireneu de Lião

"Se já a revelação de Deus através da Criação proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida àqueles que vêem a Deus" (Contra as Heresias 4,20,7).

Agostinho de Hipona

"É uma mesma Palavra de Deus que se ouve em todas as Escrituras; é um mesmo Verbo que ressoa na boca de todos os escritores sagrados, ele que, sendo no início Deus, junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, por não estar submetido ao tempo" (Comentário ao Salmo 103).

"Quem puder entender uma palavra antes que ressoe pronunciada, antes mesmo que se forme na mente uma imagem de seu som, isto é, que não pertença ainda a nenhum idioma conhecido (...) esse poderá perceber, como em espelho e em enigma, uma semelhança com aquele Verbo do qual está escrito: 'No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus'" (Da Trindade 1,15,20).

Cirilo de Alexandria

"De fato, a Escritura, verdadeiramente inspirada por Deus, afirma que a Palavra de Deus se fez carne, uniu-se à alma dotada de alma racional. Portanto, a Palavra de Deus assumiu a descendência de Abraão e formando para si um corpo vindo de uma mulher, tornou-se participante da carne e do sangue. Assim, já não é somente Deus mas também

homem, semelhante a nós, em virtude da sua união com a nossa natureza. Por conseguinte, o Emanuel, Deus conosco, possui duas realidades, isto é, a divindade e a humanidade. Todavia é um só Senhor Jesus Cristo, único e verdadeiro Filho por natureza, ainda que ao mesmo tempo Deus e homem. Não é apenas um homem divinizado, igual àqueles que pela graça se tornam participantes da natureza divina, mas é verdadeiro Deus que, para a nossa salvação, se tornou visível em forma humana, conforme Paulo testemunha com as seguintes palavras: 'Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sujeito à Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que todos recebêssemos a filiação adotiva' (Gál 4,4-5)" (Maria, Mãe de Deus).

* * *

i) Amava perfeitamente sua Mãe

"Desceu com Maria e José, foi a Nazaré e era-lhes obediente. Sua Mãe conservava todas estas coisas no seu coração" (Luc. 2,51).

A submissão de Jesus à sua Mãe e a seu pai legal cumpre com perfeição o quarto mandamento. Ela é a imagem temporal da sua obediência filial a seu Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e a Maria anunciava e antecipava a submissão da Quinta-Feira Santa: "Não a Minha vontade..." (Luc. 22,42) (CIC 532).

João Crisóstomo

"Se Cristo se preocupava com os outros e não descurava nada para que tivessem dele uma opinião adequada, com maior razão devia se comportar assim com sua Mãe" (Comentário a João 21,2).

* * *

j) Não teve irmãos consangüíneos

"Não é este o carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc. 6,3a).

A isto objeta-se por vezes que a Escritura menciona irmãos e irmãs de Jesus (cf. Mc. 3,31-35; 6,3; 1Cor. 9,5; Gal. 1,19 etc.). A Igreja sempre entendeu que essas passagens não designam outros filhos da Virgem Maria; com efeito, Tiago e José, "irmãos de Jesus" (Mat. 13,55), são os filhos de uma Maria discípula de

Cristo (Mat. 27,56), que significativamente é designada como "a outra Maria" (Mat. 28,1). Tratam-se de parentes próximos de Jesus, consoante uma expressão conhecida no Antigo Testamento (Gen. 13,8; 14,16; 29,15 etc.) (CIC 500).

Atanásio de Alexandria

"Como o corpo do Senhor foi colocado a sós no sepulcro, para que pudesse demonstrar sua ressurreição, talvez por motivo semelhante seu corpo proveio de Maria, como filho único, para que crêssemos em sua origem divina" (Da Virgindade 2).

Epifânio de Salamina

"'Voltando-se o Senhor, viu o discípulo a quem amava e lhe disse, a respeito de Maria: Eis aí a tua Mãe! E, então, à Mãe: Eis aí o teu filho' (Jo. 19,26). Ora, se Maria tivesse filhos, ou se seu esposo ainda estivesse vivo, por que o Senhor a confiaria a João ou João a ela? Mas: e por que não confiou a Pedro, a André, a Mateus, a Bartolomeu? Fê-lo a João por causa da sua virgindade. A ele foi que disse: 'Eis aí a tua Mãe'. Não sendo mãe corporal de João, o Senhor queria significar ser ela a mãe ou o princípio da virgindade: dela procedeu a Vida. Nesse intuito dirigiu-se a João, que era estranho, que não era parente, a fim de indicar que sua Mãe devia ser honrada. Dela, na verdade, o Senhor nascera, quanto ao corpo; sua encarnação não fora aparente, mas real. E se ela não fosse verdadeiramente sua Mãe, aquela de quem recebera a carne e que o dera à luz, não se preocuparia tanto em recomendá-la como a sempre Virgem. Sendo sua Mãe, não admitia mancha alguma na sua honra e no admirável vaso do seu corpo. Mas prossegue o evangelho: 'E a partir daquele momento, o discípulo a levou consigo'. Ora, se ela tivesse esposo, casa e filhos, iria para o que era seu, não para o alheio".

Agostinho de Hipona

"Já era Filho único do Pai aquele que nasceu como filho único de sua Mãe" (Sermão 192,1).

"O hábito de nossa Escritura Santa, com efeito, é de não restringir esse nome de 'irmãos' unicamente aos filhos nascidos do mesmo homem e da mesma mulher (...) É preciso penetrar o sentido das expressões empregadas pela Sagrada Escritura. Ela tem sua maneira de dizer. Possui sua

linguagem própria. Quem ignora essa linguagem pode ficar perturbado e perguntar-se: 'Então o Senhor tem irmãos? Será que Maria teve ainda outros filhos?' Não, de modo algum! (...) Qual é, pois, a razão de ser da expressão 'irmãos do Senhor'? Irmãos do Senhor eram os parentes de Maria (...) Como se demonstra isso? Pela própria Escritura, que chama, por exemplo, Lot de irmão de Abraão (Gn. 13,8; 14,14) e ele era tio de Lot; e, todavia, chamam-se ambos de irmãos, unicamente por serem parentes. Também Labão era tio de Jacó, por ser irmão de Rebeca, esposa de Isaac. Lede a Escritura e vereis que tio e sobrinho tratavam-se de irmãos" (Comentário sobre o Evangelho de João 10,2).

"Quando vocês ouvirem falar dos 'irmãos do Senhor', pensem logo que se trata de algum parentesco que os une a Maria, sem imaginar ter ela tido outros filhos" (Comentário sobre o Evangelho de João 28,3).

João Damasceno

"Quem ama ardentemente alguma coisa costuma trazer seu nome nos lábios e nela pensar noite e dia. Não me censure, pois, se pronuncio este terceiro panegírico da Mãe de meu Deus, como oferta em honra de sua partida (...) Hoje, da Jerusalém terrestre, a Cidade viva de Deus (=Maria) foi conduzida à Jerusalém do alto: aquela que concebera como seu primogênito e unigênito o Primogênito de toda a criatura e o Unigênito do Pai, vem habitar na Igreja das primícias! (...) Cantemos hinos sacros e nossas melodias se inspirem nas palavras: 'Ave, cheia de graça: o Senhor é contigo'" (Homilia sobre a Dormição de Nossa Senhora).

* * *

k) Morreu verdadeiramente

"Porque, antes de tudo, ensinei-vos o que eu mesmo aprendi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras" (1Cor. 15,3).

A morte violenta de Jesus não foi o resultado do acaso num conjunto infeliz de circunstâncias. Ela faz parte do mistério do projeto de Deus, como explica São Pedro aos judeus de Jerusalém já em seu primeiro discurso de Pentecostes: "Ele foi entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus" (At. 2,23). Esta linguagem bíblica não significa que os que "entregaram Jesus" (At. 3,13) foram apenas executores

passivos de um roteiro escrito de antemão por Deus (CIC 599).

Inácio de Antioquia

"O príncipe deste mundo ignorou a virgindade de Maria e o seu parto, da mesma forma que a morte do Senhor: três mistérios proeminentes que se realizaram no silêncio de Deus" (Epístola aos Efésios 19,10).

Efrém da Síria

"E no seio de Maria se fez criança Aquele que é igual a seu Pai desde a eternidade; comunicou-nos sua grandeza e assumiu nossa pequenez; conosco se fez mortal e nos infundiu sua vida a fim de livrar-nos da morte (...) Maria é o jardim ao qual desceu do Pai a chuva da bênção. Esta aspersão chegou até o rosto de Adão e, assim, Este recobrou a vida e se levantou do sepulcro, já que por seus inimigos tinha sido sepultado no Xeol" (Carmina Soguita 1).

Gregório de Nissa

"Deus (Filho) não impediu a morte de separar a alma do corpo, segundo a ordem necessária à natureza, mas os reuniu novamente um ao outro pela ressurreição, a fim de ser Ele mesmo, na sua Pessoa, o ponto de encontro da morte e da vida, sustando Nele a decomposição da natureza produzida pela morte e tornando-se Ele mesmo princípio de reunião para as partes separadas" (Or. Cathec. 16).

João Damasceno

"Pelo fato de que na morte de Cristo tenha a alma sido separada da carne, a única pessoa não foi dividida em duas pessoas, pois o corpo e a alma de Cristo existiram da mesma forma desde o início na Pessoa do Verbo; e, na morte, embora separados um do outro, ficaram cada um com a mesma e única Pessoa do Verbo" (f.o. 3,27).

* * *

I) Desceu aos Infernos

"Ele também foi pregar aos espíritos que estavam no cárcere, os quais outrora tinham sido incrédulos"
(1Ped. 3,19-20a).

A morada dos mortos para a qual Cristo morto desceu, a Escritura denomina os Infernos, o Sheol ou o Hades, visto que

os que lá se encontram estão privados da visão de Deus. Este é, com efeito, o estado de todos os mortos, maus ou justos, à espera do Redentor – o que não significa que a sorte deles seja idêntica, como mostra Jesus na parábola do pobre Lázaro recebido no “seio de Abraão”. São precisamente essas almas santas, que esperavam o seu Libertador no seio de Abraão, que Jesus libertou ao descer aos Infernos. Jesus não desceu aos Infernos para ali libertar os condenados nem para destruir o Inferno da condenação, mas para libertar os justos que O haviam precedido (CIC 633).

Evangelho Apócrifo de Pedro

"Na noite em que o Dia do Senhor começava (=domingo), quando os soldados montavam a guarda, dois em dois a cada vigília, houve grande estrondo nos céus e eles viram os céus se abrirem e dois homens descendo, resplandecendo com grande luz e aproximando-se do sepulcro. E aquela pedra que fora posta na porta rolou para o lado e o sepulcro abriu-se, e ambos os jovens entraram nele. Quando os soldados viram aquilo, acordaram o centurião e os anciãos que também vigiavam; e enquanto eles ainda contavam-lhes as coisas que viram, notaram três homens saindo do sepulcro; dois deles sustentavam o outro e uma cruz os seguia. E daqueles dois viram que suas cabeças alcançaram o céu, mas daquele que era sustentado por eles, sua cabeça ultrapassou os céus. E eles ouviram uma voz vinda dos céus, dizendo: 'Já pregaste àqueles que dormem?' E ouviu-se a resposta da cruz, dizendo: 'Sim'".

Apócrifo Odes de Salomão

"[Cristo:] Não fui de proveito para os que não me conheceram, oculte-me daqueles que não me possuíam, estou junto dos que me amam. Estão mortos todos os meus perseguidores, procuram-me os que me sabiam vivo. Estou ressuscitado, estou com eles, falo por sua boca. Rejeitaram os que me perseguem, sobre eles lancei o jugo do meu amor. Como o braço do noivo envolve a noiva, assim é o meu jugo sobre os que me conhecem. Como a tenda do noivado é erguida na casa do noivo, meu amor protege os que crêem em mim. Não fui condenado, embora parecesse; não pereci, apesar de o terem imaginado. O Xeol me viu e foi vencido; a morte me deixou partir e muitos comigo. Fui para ela fel e vinagre; desci com ela ao Xeol, até o fundo. A

morte enfraqueceu pés e cabeça, não podendo suportar o meu rosto. Mantive entre seus mortos uma assembléia de vivos. Falei-lhes com lábios vivos, de modo que não fosse vã a minha palavra. Correram para mim os que estavam mortos; gritaram e disseram: 'Tem piedade de nós, Filho de Deus, age conosco segundo a tua graça; livra-nos dos laços das trevas; abre-nos as portas para sairmos rumo a Ti. Vemos que nossa morte não se aproximou de Ti; que sejamos libertados, nós também, contigo, pois és nosso Salvador'. Ouvi, por minha vez, suas vozes; sua fé no coração eu a envolvi; sobre suas fronte tracei meu Nome. Estão livres e me pertencem. Aleluia!" (cap. 42).

Eustáquio de Antioquia

"Não é por escolha de vontade, mas pelo poder de sua divindade que o Verbo de Deus está presente em toda parte instantaneamente. Se Ele suportou que seu Templo escolhido fosse destruído, no terceiro dia Ele o reergueu por um efeito novo. E a alma, compreendida nessa morada humana, descendo às partes mais profundas da terra, abriu-lhes a porta de uma só vez e fez subir as almas que lá estavam prisioneiras (...) Quando Ele chegou aos lugares subterrâneos, ao mesmo tempo introduziu, no próprio dia, a alma do ladrão no paraíso. Porque, se por um só homem veio a salvação para todos os homens, evidentemente foi a alma [de Cristo] que libertou as almas, suas irmãs, tanto descendo às partes mais subterrâneas do caos, quanto se restabelecendo no estado primitivo do paraíso, por meio do poder de sua realeza invicta" (Da Feiticeira de Endor 17-18).

João Crisóstomo

"Ninguém deve temer a morte. A do Salvador libertou-nos. Ele a subjugou, quando ela o tinha aprisionado. Aquele que desceu aos infernos os esvaziou (...) O Cristo ressuscitou e os mortos foram arrancados do túmulo" (Homilia Pascal).

* * *

m) Ressuscitou dos mortos

"O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o num madeiro" (At. 5,30).

O mistério da ressurreição de Cristo é um acontecimento real que teve manifestações historicamente constatadas, como

atesta o Novo Testamento. Já São Paulo escrevia aos Coríntios, pelo ano 56: "Eu vos transmiti... o que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas e depois aos Doze" (1Cor. 15,3-4). O Apóstolo fala aqui da viva tradição da ressurreição, que ficou conhecendo após a sua conversão às portas de Damasco (CIC 639).

Inácio de Antioquia

"Estais firmemente convencidos acerca de Nosso Senhor, que é verdadeiramente da raça de Davi segundo a carne, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, verdadeiramente nascido de uma Virgem (...) Ele foi verdadeiramente pregado [à cruz] por nós na sua carne sob Pôncio Pilatos (...) Ele sofreu verdadeiramente, como também ressuscitou verdadeiramente" (Epístola aos Esmirnenses 1.2).

Evangelho Apócrifo de Pedro

"Viram os céus abertos e dois jovens que dali desciam tendo um grande resplendor, aproximando-se do sepulcro. E a pedra que haviam lançado sobre a porta, girando por seu próprio impulso, retirou-se para um lado, com o que o sepulcro ficou aberto e ambos os jovens entraram. Quando os soldados viram isso, despertaram o centurião e os anciãos, pois também estes se encontravam ali, fazendo a guarda. E, estando eles explicando o que acabaram de ver, perceberam agora a presença de três homens saindo do sepulcro, dois dos quais serviam de apoio para o terceiro, e uma cruz que arrastavam atrás de si" (caps. 3

Gregório de Nissa

"Deus (Filho) não impediu a morte de separar a alma do corpo, segundo a ordem necessária à natureza, mas os reuniu novamente um ao outro pela ressurreição, a fim de ser Ele mesmo, na sua Pessoa, o ponto de encontro da morte e da vida, sustando Nele a decomposição da natureza produzida pela morte e tornando-se Ele mesmo princípio de reunião para as partes separadas" (Or. Cathec. 16).6-39).

Agostinho de Hipona

"É incrível que Cristo tenha ressuscitado corporalmente e corporalmente subido ao céu. É incrível que o mundo tenha

crido em tal coisa incrível. É incrível que homens tão rudes e tardos, tão poucos e incultos, tenham convencido o mundo - inclusive pessoas cultas - de algo assim tão incrível..." (A Cidade de Deus).

"Confia Ele (=Jesus) sua Mãe ao discípulo [João], pois havia de morrer antes de sua Mãe Aquele que havia de ressuscitar antes que sua Mãe morresse" (Comentário sobre o Evangelho de João 8,9).

João Damasceno

"Por direita do Pai entendemos a glória e a honra da divindade, onde aquele que existia como Filho de Deus antes de todos os séculos como Deus e consubstancial ao Pai se sentou corporalmente depois de encarnar-se e de a sua carne ser glorificada" (f.o. 4,2).

* * *

n) Redentor do gênero humano

"É [em Cristo] que temos a redenção pelo seu Sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça" (Ef. 1,7).

É "o amor até o fim" (Jo. 13,1) que confere seu valor de redenção e de reparação, de expiação e de satisfação ao sacrifício de Cristo. Ele nos conheceu e amou na oferta da Sua vida. "A caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram" (2Cor. 5,14). Nenhum homem, ainda que o mais santo, não tinha condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de oferecer-se em sacrifício por todos. A existência em Cristo da Pessoa Divina do Filho, que supera e ao mesmo tempo abraça todas as pessoas humanas, e que o constitui Cabeça de toda a humanidade, torna possível o seu sacrifício redentor por todos (CIC 616).

Ireneu de Lião

"No Cristo que nasce de Maria é a humanidade toda que renasce à vida. A solidariedade existente entre Cristo e os homens traz esta consequência: a concepção e o nascimento de Jesus já são a redenção por antecipação dos homens" (Contra as Heresias).

"Se a verdade já fosse conhecida, a vinda do Redentor a

este mundo teria sido supérflua" (Contra as Heresias 2,18,6).

"Estultos, completamente, os que rejeitam toda a economia de Deus, negando a salvação da carne, desprezando a sua regeneração, declarando ser ela incapaz de receber a incorruptibilidade. Mas se esta não se salva, então nem o Senhor nos resgatou no seu Sangue, nem o cálice eucarístico é comunhão com seu Corpo; pois o sangue não pode brotar a não ser das veias, da carne e do resto da substância humana e é justamente por se ter tornado tudo isso que o Verbo de Deus nos remiu com o seu Sangue, como diz o Apóstolo: 'Nele temos a redenção por seu Sangue e a remissão dos pecados'. É por sermos seus membros que somos nutridos por meio das coisas criadas. Ele próprio põe à nossa disposição as criaturas, fazendo o sol levantar-se e chover, como quer" (Contra as Heresias 5,2,2).

"Cristo se fez mediador entre Deus e os homens" (Contra as Heresias 5,17,1).

Orígenes de Alexandria

"Se compreendemos qual é a embriaguez dos santos e como lhes é prometida para sua alegria, vejamos agora como nosso Salvador não bebe mais vinho até que beba com os santos o vinho novo no Reino de Deus. Ainda agora, meu Salvador se aflige por meus pecados. Meu Salvador não pode ter alegria enquanto eu permanecer na iniquidade. Por que não pode? Porque Ele mesmo é 'advogado por nossos pecados junto ao Pai', como declara João, íntimo seu, dizendo que 'se alguém pecou, temos como advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, que não tem pecado e que é, Ele mesmo, propiciação por nossos pecados'. Portanto, como poderia beber o vinho da alegria Aquele que é advogado por nossos pecados, enquanto eu o entristeço, pecando? Como poderia ter júbilo, Ele, que se aproxima do altar em propiciação por mim, pecador; Ele, em cujo coração cresce continuamente a tristeza por minhas faltas? 'Beberei esse vinho convosco' - diz Ele - 'no Reino do meu Pai'. Enquanto não agimos de maneira a subir ao Reino, Ele, que prometeu beber esse vinho conosco, não pode bebê-lo sozinho. Permanece, pois, na tristeza, enquanto persistimos no descaminho. Se efetivamente o seu Apóstolo 'chora por alguns que pecaram e não fizeram penitência por seus

crimes', que dizer Dele mesmo, que é chamado Filho do Amor, que se aniquilou por causa do amor que tinha por nós, que não buscou a própria vantagem - ainda que igual a Deus - mas procurou nosso bem e, para isso, como se esvaziou de si mesmo? Tendo, pois, buscado assim o nosso bem, não nos procuraria mais agora, não pensaria mais em nossos interesses, não sofreria mais por nossos descaminhos, não choraria mais por nossa perda, Ele, que chorou sobre Jerusalém e lhe disse: 'Quantas vezes quis reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos, e tu não quisestes'? Aquele que tomou para si as nossas ofensas e que sofreu por nossa causa, como o médico de nossas almas e de nossos corpos, desprezaria hoje a corrupção das nossas feridas? (...) Espera, portanto, que nos convertamos, que imitemos seu exemplo, que sigamos suas pegadas, para então se regozijar conosco e beber conosco o vinho no reino de seu Pai" (Homilia sobre o Levítico 7).

Concílio Regional de Quiersy

"Não há, não houve e não haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido".

* * *

o) Seu Sangue é valiosíssimo

"Com efeito, se o sangue dos bodes e dos touros, e a cinza de uma novilha aspergindo os impuros, os santifica quanto à pureza da carne, quanto mais o Sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a Si mesmo sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras da morte para servir ao Deus vivo?" (Hb. 9,14).

A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o sacrifício pascal que realiza a redenção definitiva dos homens pelo "cordeiro que tira o pecado do mundo" (Jo. 1,29) e o sacrifício da Nova Aliança, que recoloca o homem em comunhão com Deus, reconciliando-o com Ele pelo "Sangue derramado por muitos para remissão dos pecados" (Mat. 26,28) (CIC 613).

Papa Clemente I de Roma

"[Cristo, mediante seu Sangue,] mereceu a graça da conversão para todo o mundo" (1ª Epístola aos Coríntios 7).

João Crisóstomo

"Queres conhecer o valor do Sangue de Cristo? Voltemos às figuras que profetizaram e recordemos a narrativa do Antigo Testamento: Imolai, diz Moisés, um cordeiro de um ano e assinalai as portas com seu sangue. Que dizes, Moisés? O sangue de um cordeiro tem poder para libertar o homem racional? Certamente, responde ele, não porque é sangue, mas porque prefigura o Sangue do Senhor. Se hoje o inimigo, em vez de sangue simbólico aspergido nos umbrais, vir resplandecer nos lábios dos fiéis, portas dos templos de Cristo, o sangue da nova realidade, fugirá ainda para mais longe. Queres compreender ainda mais profundamente o valor deste Sangue? Repara donde brotou e qual é a sua fonte. Começou a brotar da cruz, e a sua fonte foi o Lado do Senhor. Estando já morto Jesus, diz o Evangelho, e ainda cravado na cruz, aproximou-se um soldado, trespassou-Lhe o lado com uma lança e logo saíram água e sangue: água como símbolo do Batismo, sangue como símbolo da Eucaristia. O soldado trespassou o lado, abriu uma brecha na parede do templo e eu achei um grande tesouro e alegro-me por ter encontrado riquezas admiráveis. Assim aconteceu com aquele cordeiro. Os judeus mataram um cordeiro e eu recebi o fruto do sacrifício. Do lado saíram sangue e água. Não quero, estimado leitor, que passes inadvertidamente por tão grande mistério. Falta-me ainda explicar-te outro significado místico. Disse que esta água e este sangue simbolizavam o Batismo e a Eucaristia. Foi deste sacramento que nasceu a Igreja, pelo banho de regeneração do Espírito Santo, isto é, pelo sacramento do Batismo e pela Eucaristia que brotaram do lado de Cristo, por conseguinte, que se formou a Igreja, como foi do lado de Adão que Eva foi formada. Por esta razão, a Escritura, falando do primeiro homem, usa a expressão carne da minha carne, osso dos meus ossos, que S. Paulo refere, aludindo ao Lado de Cristo. Pois assim como Deus abriu o lado de Adão enquanto ele dormia, assim Cristo nos deu a água e o sangue durante o sono da Sua morte. Vede como Cristo se uniu à Sua Esposa, vede com que alimento nos sacia. O mesmo alimento nos faz nascer e nos alimenta. Assim como a mulher se sente impulsionada pelo amor natural a alimentar com o próprio leite e o próprio sangue o filho que deu à luz, assim também Cristo alimenta sempre com o Seu Sangue aqueles a quem deu o

novo nascimento" (Cat. 3,13-19).

* * *

p) Sua vontade e conhecimento

"Em seguida, tomou Jesus à parte os Doze e disse-lhes: 'Eis que vamos para Jereusalém e será cumprido tudo o que está escrito pelos profetas a respeito do filho do homem: será entregue aos gentios, será escarnecido, ultrajado e cuspidos; depois de o açoitarem, o matarão e ressuscitará ao terceiro dia'. Eles, porém, nada disto compreenderam" (Luc. 18,31-34a).

Esta alma humana que o Filho de Deus assumiu é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Enquanto tal, este não podia ser em si ilimitado: exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Por isso, o Filho de Deus, ao tornar-se homem, pôde querer "crescer em sabedoria, em estatura e em graça" (Luc. 2,52) e também informar-se sobre aquilo que na condição humana se deve aprender de maneira experimental. Isto correspondia à realidade do seu rebaixamento voluntário na "condição de escravo" (Fil. 2,7). Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua Pessoa. (...) Este é, em primeiro lugar, o caso do conhecimento íntimo e direto que o Filho de Deus feito homem tem do Seu Pai. O Filho mostrava também no seu conhecimento humano a penetração divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens. Pela sua união à Sabedoria divina, na Pessoa do Verbo encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava em plenitude da ciência dos desígnios eternos que viera revelar. O que Ele reconhece desconhecer neste campo, declara alhures não ser Sua missão revelá-lo (CIC 472, 473, 474).

Orígenes de Alexandria

"Aderindo a Cristo, podemos tornar-nos um só espírito com Ele e, com isso, realizar sua vontade. Dessa forma, Sua vontade será perfeita na terra como no céu" (Or. 26).

Gregório de Nanzianzo

"Eis que Ele (=Jesus) quis dormir para abençoar o nosso sono; quis cansar-se para consagrar nossas fadigas; quis chorar para dar mérito às nossas lágrimas" (Oração 37,2).

Papa Vigílio de Roma

"Se alguém disser que Jesus Cristo ignorou os acontecimentos futuros ou o dia do Juízo Final, Ele, o único Jesus Cristo, o mesmo simultaneamente verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro filho do homem; e que [Jesus] só pôde saber o que lhe revelou a Divindade, habitando nele como outro [homem], seja anátema" (Condenação aos Nestorianos).

Concílio Ecumênico de Constantinopla III

"Pregamos também duas vontades naturais nele (=Jesus), bem como duas operações naturais, sem divisão, sem mudança, sem separação, sem partilha, sem confusão. Isto pregamos de acordo com a doutrina dos santos Padres. Duas vontades naturais, não contrárias - que Deus o afaste - como afirmam os ímpios hereges (=monotelistas), mas sua vontade humana seguindo a vontade divina e onipotente, não lhe resistindo, nem se lhe opondo, mas antes sujeita a ela. Pois a vontade da carne tinha de ser dirigida e estar sujeita à vontade divina, segundo o sapientíssimo Atanásio. Porque assim como se diz que sua carne deve ser e é a carne de Deus Verbo, assim se diz que a vontade natural da carne pertence a Deus Verbo, como de fato pertence; Ele mesmo o diz: 'Desci do céu não para fazer minha própria vontade, mas a vontade do pai que me enviou' (Jo. 6,38), designando como 'própria' a vontade da carne, visto que a carne se tornou sua própria carne. Portanto, assim como sua santíssima e imaculada carne, vivificada pela ala, não foi destruída ao ser deificada, mas continuou no seu próprio estado e esfera, assim também sua vontade humana não foi destruída ao ser deificada, mas antes foi preservada, como diz Gregório, o Teólogo: 'Pois o querer que entendamos ser um ato da vontade do Salvador não é contrário a Deus, mas é inteiramente deificado'".

* * *

q) Todo homem deve confessá-lo

"Porque se confessares com a tua boca o Senhor Jesus e creres no teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rom. 10,9).

Bem cedo, nos Evangelhos, determinadas pessoas se dirigem a Jesus chamando-o de "Senhor". Este título exprime o respeito e a confiança dos que se achegam a Jesus e esperam d'Ele ajuda

e cura. Sob a moção do Espírito Santo, ele exprime o reconhecimento do mistério divino de Jesus. No encontro com Jesus ressuscitado, ele se transforma em expressão de adoração: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo. 20,28). Assume, então, uma conotação de amor e afeição que tornar-se-á peculiar à Tradição cristã: "É o Senhor!" (Jo. 21,7) (CIC 448).

Didaqué

"Venha a vossa graça [Jesus] e passe este mundo" (10,6).

Inácio de Antioquia

"É muito bom que glorifiquéis de todos os modos Jesus Cristo, que vos glorificou" (Epístola aos Efésios 2).

"Como podemos nós viver sem Ele (=Jesus)?" (Epístola aos Magnésios 9,1).

Justino Mártir

"Nossa doutrina ultrapassa toda doutrina humana, porque temos o Verbo no Cristo que apareceu por nós, corpo, verbo e alma. Todos os princípios justos que filósofos e legisladores descobriram e expressaram, eles os devem àquilo que encontraram e contemplaram parcialmente do Verbo. É pelo fato de não terem conhecido tudo do Verbo - que é o Cristo - que eles se contradizem freqüentemente" (Apologia 2,10,1-3).

Ireneu de Lião

"Mediante a imitação de suas obras e a realização de suas palavras (=as de Jesus), poderemos ter comunhão com Ele" (Contra as Heresias 5,1,1).

Clemente de Alexandria

"Para acabar este elogio do Verbo, só nos resta invocá-lo: 'Seja propício a teus filhos, Pedagogo, Pai condutor de Israel, Pai e Filho, os dois uma só coisa, Senhor! Dá-nos, seguindo teus mandamentos, completar a semelhança da imagem, sentir, o quanto pudermos, que Deus é bom e não juiz severo. Concede-nos viver em tua paz, sermos transportados em tua cidade e atravessando sem naufragar o oceano do pecado, levados pela doce brisa do Espírito Santo, a Sabedoria inefável, de noite, de dia, até o dia eterno, cantando um cântico de ação de graças ao único Pai e Filho, Filho e Pai; ao Filho Pedagogo e Mestre, com o

Espírito Santo. Tudo ao único, em que tudo, por quem tudo é um, por quem pe a eternidade, de quem todos somos membros, a quem é a glória e os séculos. Tudo a Ele que é bom, tudo a Ele que é sábio, a Ele que é justo, tudo a Ele! A Ele a glória, agora e nos séculos. Amém" (O Pedagogo 101,1.2).

Tertuliano de Cartago

"Qualquer operário cristão já encontrou a Deus e dá testemunho dele, respondendo por suas ações a todas as perguntas que se lhe possam fazer a respeito de Deus" (Apologia 46,9).

Gregório de Nanzianzo

"Sê crucificado com Cristo; sê entregue à morte com Ele; sê sepultado com Ele, a fim de ressuscitar com Ele, ser glorificado com Ele e reinar com Ele" (Oração 38,18).

Gregório de Nissa

"A noção de unção sugere (...) que não existe nenhuma distância entre o Filho e o Espírito. Com efeito, da mesma forma que entre a superfície do corpo e a unção do óleo nem a razão nem os sentidos conhecem nenhum intermediário, assim é imediato o contato do Filho com o Espírito, tanto que para aquele que vai tomar contato com o Filho pela fé, é necessário encontrar primeiro o óleo pelo contato. Com efeito, não há nenhuma parte que esteja privada do Espírito Santo. Por isso, a confissão do senhorio do Filho se faz no Espírito Santo para os que a recebem, vindo o Espírito de todas as partes precedendo os que se aproximam pela fé" (Spir. 3,1).

Agostinho de Hipona

"Aquele que quiser meditar com piedade o sermão que Nosso Senhor pronunciou no monte, tal como o lemos no Evangelho de São Mateus, aí encontrará, sem sombra de dúvida, a carta magna da vida cristã (...) Este sermão contém todos os preceitos apropriados para guiar a vida cristã" (Serm. Dom. 1,1).

Pseudo-Agostinho

"Quem se envergonha por causa de Cristo se torna digno de misericórdia" (Carta a uma Religiosa sobre a Verdadeira e a Falsa Penitência).

* * *

r) Ultrajado por judaicos e pagãos

"Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça e na mão direita uma cana. E, dobrando o joelho diante d'Ele, [os soldados] o escarneciam, dizendo: 'Salve, ó rei dos judeus'" (Mat. 27,29).

As autoridades religiosas de Jerusalém não foram unânimes na conduta a adotar em relação a Jesus. Os fariseus ameaçaram de excomunhão os que O seguissem. Aos que temiam que "todos crerão em Jesus e os romanos virão e destruirão o nosso Lugar Santo e a nação" (Jo. 11,48), o sumo sacerdote Caifás propôs, profetizando: "É de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?" (Jo. 11,49-50). O Sinédrio, depois de declarar Jesus "passível de morte" (Mat. 26,66) enquanto na qualidade de blasfemador, mas tendo perdido o direito de pô-lo à morte, entrega Jesus aos romanos acusando-O de revolta política, o que colocará Jesus em paralelo com Barrabás, acusado de "sedição" (Luc. 23,19). São também ameaças políticas que os chefes dos sacerdotes fazem a Pilatos para que condene Jesus à morte (CIC 596).

Talmud Babilônico

"[Jesus] praticou feitiçaria e seduziu Israel" (Sanhedrin 43a).

Justino Mártir

"[Os judeus] tiveram o atrevimento de dizer que [Jesus] era um mago e sedutor do povo" (Diálogo com Trifão 69,7).

Minúcio Félix

"Ouço dizer [dos pagãos] que, compelidos por alguma absurda crença, eles (=os cristãos) consagram e adoram a cabeça do animal mais vil: o asno. O relato que se faz da iniciação dos adeptos é tão horrível quanto inédito. Uma criancinha, recoberta de farinha para enganar o noviço ingênuo, é posta diante daquele que deve ser iniciado nos mistérios. Iludido por esse bloco enfarinhado, que o leva a crer que seus golpes são inofensivos, o neófito mata a criança (...) O sangue desta é, então, lambido por eles, que disputam os seus membros e os dividem entre si; é através dessa vítima que eles cimentam sua aliança e é por essa cumplicidade no crime que se comprometem a um mútuo silêncio (...) E seus banquetes, todo mundo os conhece, por toda parte se fala deles (...) Nos dias de festa, eles se

reúnem para um festim, com todos os seus filhos, suas irmãs, suas mães, pessoas de todos os sexos e de todas as idades. Lá, após terem comido de maneira copiosa, quando a animação do festim está no auge e o ardor da embriaguez acende as paixões incestuosas, eles impelem um cão amarrado ao candelabro a pular, jogando-lhe um bocado de comida para além da extensão da corda que o prende. A luz que teria podido traí-los se acaba, se extingue (...) Então eles se abraçam ao acaso e, se nem todos são incestuosos de fato, são-no pela intenção" (A Otávio 9,6).

Orígenes de Alexandria

"[Dizem os judeus:] A mãe de Jesus, grávida, foi expulsa de casa pelo carpinteiro que a havia desposado, acusada de adultério, e deu à luz um filho de um certo soldado [romano] de nome Pantera" (Contra Celso 1,32).

4. O Espírito Santo

O Espírito Santo está em ação com o Pai e o Filho do início até a consumação do Projeto da nossa salvação. Mas é nos “últimos tempos”, inaugurados pela Encarnação redentora do Filho, que Ele é revelado e dado, reconhecido e acolhido como Pessoa. Então este Projeto divino, realizado em Cristo, “Primogênito” e Cabeça da nova criação, poderá tomar corpo na humanidade pelo Espírito difundido: a Igreja, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne, a vida eterna (CIC 686).

a) Terceira Pessoa da Santíssima Trindade

“O Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo. 14,26).

Crer no Espírito Santo é, pois, professar que o Espírito Santo é uma das Pessoas da Santíssima Trindade, consubstancial ao Pai e ao Filho, “e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”. É por isso que se tratou do mistério divino do Espírito Santo na “teologia” trinitária (CIC 685).

Atanásio de Alexandria

“O Consolador não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, porque receberá de Mim e vo-lo anunciará’. E tendo soprado sobre seus discípulos, deu-lhes o Espírito de Si mesmo e foi assim que o Pai o derramou, como está escrito, sobre toda a carne. Eis por que foi com razão que comecei por falar e escrever a respeito do Filho de Deus, para que do conhecimento [da doutrina] relativa ao Filho, pudéssemos tirar, felizmente, o conhecimento [da doutrina] concernente ao Espírito. Pois a condição própria que reconhecemos [como a] do Filho em relação ao Pai, julgaremos que é precisamente a que o Espírito possui a respeito do Filho. Do mesmo modo que o Filho diz: ‘Tudo o que o Pai tem é meu’, assim também pensaremos que, pelo Filho, tudo isso também está no Espírito. E como o Pai dizia, mostrando o Filho: ‘Este é meu Filho bem-amado, em quem pus a minha complacência’, assim o Espírito é do Filho, pois

diz o Apóstolo: 'Ele enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, o qual clama: 'Abbá, Pai''. E - o que é maravilhoso, assim como o Filho diz: 'O que é meu é do Pai', também o Espírito Santo, que se diz pertencer ao Filho, pertence ao Pai, pois é o próprio Filho que diz: 'Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei junto do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai dará testemunho de mim'. E Paulo escreve, por sua vez: 'Ninguém sabe o que se passa no homem, a não ser o espírito do homem, que está nele. Da mesma forma, também ninguém sabe o que está em Deus, a não ser o Espírito de Deus, que está Nele. Ora, quanto a nós, não foi o espírito do mundo que recebemos, mas o Espírito que vem de Deus, para que conhecêssemos aquilo que fomos gratificados por Deus'. E em toda a divina Escritura, encontrarás que o Espírito Santo, que é dito 'do Filho', é dito também 'de Deus' (...) Assim, pois, se o Filho, por causa de sua condição própria a respeito do Pai e porque Ele é o próprio rebento de sua substância, não é uma criatura, mas sim consubstancial ao Pai, do mesmo modo o Espírito Santo não pode, tampouco, ser uma criatura - ímpio é quem o diz - por causa de sua condição em relação ao Filho e porque é do [Filho] que Ele é dado a todos e que o que Ele tem pertence ao Filho" (Epístola a Serapião 3,1).

"Se o Espírito Santo fosse uma criatura, nele não teríamos então nenhuma comunhão com Deus, mas nos uniríamos a uma criatura e seríamos alheios à natureza divina, porque de nenhum modo teríamos participação nela. Visto, porém, que fomos declarados participantes de Cristo e também participantes de Deus, torna-se evidente que a unção e o selo que conosco levamos não são oriundos da natureza das coisas criadas, mas provêm do Filho, que nos une ao Pai pelo Espírito que nele há" (Epístola a Serapião 4,1,24).

Gregório de Nanzianzo

"Por quanto tempo ainda conservaremos a lâmpada debaixo do alqueire, privando as almas do completo conhecimento do Espírito Santo? Está na hora de colocar a lâmpada sobre o candelabro, de modo que a sua luz se difunda sobre toda a Igreja, em todas as almas, em todo o universo. Está na hora de deixar de lado as metáforas e os sofismas intelectuais e confessar abertamente que Ele é Deus" (Discurso 12,6).

"O Antigo Testamento revela-nos claramente o Pai, enquanto que o Filho ficou esquecido, na penumbra. O Novo Testamento revelou-nos claramente o Filho, e somente indiretamente nos fez entender a divindade do Espírito Santo. Mas agora, o Espírito Santo habita em nosso meio e dá-nos uma demonstração mais evidente do que Ele é. Não teria sido prudente proclamar abertamente a divindade do Filho antes que fosse reconhecida a divindade do Pai, ou impor a função do Espírito Santo - se é lícito expressar-me numa forma tão ousada - quando ainda a divindade do Filho não era ainda reconhecida" (Discurso 31,26).

"Dentre os nomes que são dados a Deus, existe algum que não convenha ao Espírito? (...) Quando se empregam todas essas expressões e quando são elas ensinadas, quando a elas se acrescentam as designações de Segundo Consolador (Paráclito) e, por assim dizer, de Segundo Deus, quando se sabe que a blasfêmia contra o Espírito é o único pecado irremissível, quando se conhece a ignomínia severa que marcou Ananias e Safira porque eles haviam mentido ao Espírito Santo, isto é, mentido a Deus e não aos homens, crês então que se proclama a divindade do Espírito ou alguma outra coisa? Como deve ser escassa a tua inteligência e como deves estar afastado do Espírito para que duvides disso e para que seja necessário que te ministrem esse ensinamento!" (Discurso Teológico 5).

"Se o Espírito Santo não deve ser adorado, como é que Ele me diviniza pelo batismo? E se Ele deve ser adorado, não deve ser o objeto de um culto particular?" (Discurso Teológico 5,28).

* * *

b) Ação Vivificante

"Foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At. 2,4).

Quando o Pai envia o Seu Verbo, envia sempre o Seu Sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo que aparece, Ele, a imagem visível do Deus invisível, mas é o Espírito Santo que O revela (CIC 689 *in fine*).

Ireneu de Lião

"O Espírito unifica as raças distantes e oferece ao Pai as primícias de todas as nações" (Contra as Heresias 3,17).

"Ouvimos que também muitos irmãos da Igreja têm carismas proféticos, falam todas as línguas graças ao Espírito, manifestam os segredos dos homens para benefício deles e explicam os mistérios de Deus" (Contra as Heresias 5,6,1).

"Agora recebemos apenas uma parte de seu Espírito para estarmos predispostos e preparados para a incorruptibilidade, habituando-nos, pouco a pouco, a portar Deus (...) Mas se agora, tendo recebido a garantia do Espírito, gritamos: 'Abbá, Pai', o que acontecerá quando, ressuscitados O vimos face a face? (...) Se a garantia, abarcando o homem todo, o faz dizer; 'Abbá, Pai', o que fará a graça toda do espírito quando for dada aos homens de Deus? Tornar-nos-á semelhantes a Ele e levará a termo a vontade do Pai, porque fará o homem à imagem e semelhança de Deus" (Contra as Heresias 5,8,1).

"O homem que não recebe a inserção do Espírito que se realiza com a fé permanece no estado de antes, ou seja, carne e sangue, e, em consequência, não pode herdar o reino de Deus (...) O homem que é enxertado por meio da fé e recebe o Espírito de Deus não perde a substância de sua carne, mas modifica a qualidade de seus frutos, que são as obras" (Contra as Heresias 5,10,2).

Orígenes de Alexandria

"Ainda hoje se conservam os traços daquele Espírito Santo que foi visto em forma de pomba: os cristãos expulsam os demônios, curam diversas doenças e vêem também alguns acontecimentos futuros por vontade do Verbo" (Contra Celso 1,46).

"O que vem do Espírito só é plenamente entendido pela ação do Espírito" (Homilia sobre o Êxodo 4,5).

Atanásio de Alexandria

"Pela participação do Espírito Santo, todos nos religamos na Divindade" (Discurso contra os Arianos 3,24).

"Pelo Espírito temos parte com Deus (...) Pela participação do Espírito, nós nos tornamos participantes da natureza divina (...) Por isso, aqueles em quem o Espírito habita são

divinizados" (Epístola a Serapião 1,24).

Basílio Magno de Cesaréia

"O Espírito é de fato o lugar dos santos e o santo é para o Espírito um lugar próprio, pois se oferece para habitar com Deus e chamado Seu templo" (Spir. 26,62).

Cirilo de Jerusalém

"[O poder do Espírito Santo] transforma sempre tudo o que toca" (Catequeses Mistagógicas 5,7).

João Crisóstomo

"[Recebemos o Espírito] não para realizar prodígios, mas o suficiente para levar uma vida honesta e santamente comprometida. Mesmo que se admita que hoje tenha diminuído o carisma dos milagres, isso não nos pode prejudicar, nem poderemos utilizá-lo como desculpa quando tivermos de prestar contas de nossas obras" (Da Verdadeira Conversão 8).

Agostinho de Hipona

"O que a alma é para o corpo do homem, o Espírito Santo é para o Corpo de Cristo, isto é, a Igreja" (Sermão 267,4).

"[O Espírito Santo é] mais interior do que o mais íntimo de mim mesmo" (Confissões 3,6,11).

* * *

c) Procede do Pai e do Filho

"Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito" (Jo. 14,26).

A fé apostólica no tocante ao Espírito foi confessada pelo Segundo Concílio Ecumênico em 381, em Constantinopla: "Cremos no Espírito Santo, que é Senhor e que dá a vida; Ele procede do Pai". Com isto, a Igreja reconhece o Pai como a fonte e a origem de toda a Divindade. Mas a origem eterna do Espírito Santo não deixa de estar vinculada à do Filho: "O Espírito Santo, que é a Terceira Pessoa da Trindade, é Deus uno e igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e também da mesma natureza (...) Contudo, não se diz que Ele é somente o Espírito do Pai, mas ao mesmo tempo o Espírito do Pai e do Filho" (Concílio Regional de Toledo XI). O Credo da Igreja, do

Concílio de Constantinopla, confessa: "Com o Pai e o Filho Ele recebe a mesma adoração e a mesma glória" (CIC 245).

Agostinho de Hipona

"O Espírito Santo procede do Pai enquanto fonte primeira e, pela doação eterna deste último ao Filho, do Pai e do Filho em comunhão" (Da Trindade 15,26,47).

ANEXO - Relação de Padres e Escritores do Período Patrístico

Padre/Escritor	Falecimento
Abércio de Hierápolis	215
Adriano I de Roma (papa).. . .	795
Afrate da Pérsia	~375
Agostinho de Hipona	430
Alexandre de Alexandria	325
Ambrósio de Milão	397
Anastácio I de Roma (papa) . . .	402
Anastácio II de Roma (papa) . .	498
Anastácio do Sinai. . . .	~700
André de Creta	~750
Aristides de Atenas	130
Atanásio de Alexandria	373
Atenágoras de Atenas	181
Basílio de Ancira	364
Basílio de Selêucia	469
Basílio Magno de Cesaréia . . .	379
Beda Venerável	735
Bento de Núrsia. . . .	547
Bonifácio I de Roma (papa) . . .	422
Caio (ou Gaio)	217
Calisto I de Roma (papa). . . .	222
Capreólogo	~440
Cassiodoro	~575
Celestino I de Roma (papa) . . .	432
Cesário de Arles. . . .	543
Cipriano de Cartago	258
Cirilo de Alexandria	444
Cirilo de Jerusalém	386
Clemente I de Roma (papa) . . .	101
Clemente de Alexandria	215
Columbano	615
Cornélio I de Roma (papa) . . .	253
Cromácio de Aquiléia	407
Dâmaso I de Roma (papa) . . .	384
Dionísio de Alexandria	265
Dionísio de Corinto	166
Dionísio I de Roma (papa) . . .	268
Efrém da Síria	373
Egéria	~420

Enéias de Gaza	518
Epifânio de Salamina	403
Estevão I de Roma (papa)	257
Eudócio de Constantinopla	369
Eusébio de Alexandria	~450
Eusébio de Cesaréia	340
Eustáquio de Antioquia	~350
Eutíquio	~582
Filoxeno da Síria	523
Firmiliano da Capadócia	268
Frutuoso Mártir	259
Fulgêncio de Ruspe	533
Gelásio I de Roma (papa)	496
Germano de Constantinopla	~730
Gregório de Nanzianzo	379
Gregório de Nicéia	~séc. V
Gregório de Nissa	394
Gregório I Magno de Roma (papa)	604
Gregório II de Roma (papa)	731
Gregório III de Roma (papa)	741
Hegésipo	117
Hermas de Roma	140
Hilário de Poitiers	367
Hipólito de Roma	235
Hormisdas de Roma (papa)	523
Ildelfonso de Toledo	667
Inácio de Antioquia	107
Inocêncio I de Roma (papa)	417
Ireneu de Lião	202
Isidoro de Pelúsio	435
Isidoro de Sevilha.	636
Jerônimo	420
João Cassiano	435
João Crisóstomo	403
João Damasceno	749
João de Antioquia	~420
João II de Roma (papa)	535
João IV de Roma (papa)	642
João Mosco	619
Júlio I de Roma (papa)	352
Justino Mártir	165
Lactâncio	317
Leão I Magno de Roma	461
Libério I de Roma	366

Marcelo de Ancira	~340
Martinho de Braga	579
Martinho de Tours	397
Máximo Confessor	662
Máximo de Turim	466
Melitão de Sardes	~170
Metódio de Olimpo	311
Minúcio Félix	~200
Nestório	451
Nicetas de Remesiana	~420
Nilo Magno de Ancira	430
Optato de Milevi	~400
Orígenes de Alexandria.	253
Ósio de Córdoba	~400
Pacômio	346
Panciano	392
Papias de Hierápolis	130
Paulino de Nola	431
Pedro Crisólogo	450
Pedro de Alexandria	311
Pelágio I de Roma (papa)	561
Pelágio II de Roma (papa)	590
Policarpo de Esmirna	156
Prudêncio de Espanha.	405
Rufino de Aquiléia	410
Serapião de Thmuis	362
Severiano de Gábala	431
Silvestre I de Roma (papa)	335
Simeão de Tessalônica	~séc. V
Simplício de Roma (papa)	483
Sirício de Roma (papa)	399
Sisto III de Roma (papa)	440
Sócrates de Constantinopla	440
Sozômeno	~450
Sulpício Severo	420
Teodoreto de Ciro	460
Teodoro Studita.	séc. VIII
Teófilo de Antioquia	182
Teotecnos de Lívias	~600
Tertuliano de Cartago	220
Vicente de Lérins	450
Vigílio de Roma (papa)	555
Zacarias de Roma (papa)	752
Zeferino de Roma (papa)	217

Zenão de Verona 371

Escritos Anônimos

Ano de Composição

Atas dos Mártires	~165
Constituições Apostólicas	~400
Constituições Egípcias	~450
Didaqué	~90
Decreto Gelasiano	495
Epístola a Diogneto	~200
Epístola de Barnabé	~74
Lecionário Jerusalemitano	~450
Mártires de Lião	~175
Pseudo-Agostinho	~séc. VI
Pseudo-Clemente	~séc. IV
Pseudo-Dionísio	~séc. IV
Pseudo-Hipólito	~séc. V
Pseudo-Justino	~séc. III
Pseudo-Melitão	~séc. III
Sacramentário de Bobbio	~650
Sacramentário Gregoriano	~750

Concílios Ecumênicos

Ano de Realização

Concílio Ecumênico de Calcedônia . . .	451
Concílio Ecumênico de Constantinopla I .	381
Concílio Ecumênico de Constantinopla II .	553
Concílio Ecumênico de Constantinopla III .	681
Concílio Ecumênico de Éfeso	431
Concílio Ecumênico de Nicéia I	325
Concílio Ecumênico de Nicéia II	787

Concílios Regionais

Ano de Realização

Concílio da União Oriental/Ocidental . .	433
Concílio Regional de Antioquia	324
Concílio Regional de Arles I	314
Concílio Regional de Arles II	~475
Concílio Regional de Braga	561
Concílio Regional de Cartago III	397
Concílio Regional de Cartago IV	418
Concílio Regional de Elvira	306
Concílio Regional de Frankfurt	794
Concílio Regional de Friul	796
Concílio Regional de Hipona	393
Concílio Regional de Laodicéia	367
Concílio Regional de Latrão	649

Concílio Regional de Milevi . . .	416
Concílio Regional de Orange II . . .	529
Concílio Regional de Palmari . . .	501
Concílio Regional de Pávia . . .	850
Concílio Regional de Quiersy . . .	853
Concílio Regional de Roma I . . .	382
Concílio Regional de Roma II . . .	680
Concílio Regional de Sárdica . . .	343
Concílio Regional de Toledo IV . . .	633
Concílio Regional de Toledo VI . . .	638
Concílio Regional de Toledo XI . . .	675
Concílio Regional de Toledo XV . . .	688
Concílio Regional de Toledo XVI . . .	693
Sínodo de Ambrósio	389
Sínodo Permanente de Constantinopla	~545

Escritos Apócrifos/Não-Cristãos	Ano de Composição
Apócrifo Odes de Salomão	séc. II d.C.
Apócrifo Vida de Adão e Eva	séc. II d.C.
Atos Apócrifos de João	séc. III d.C.
Evangelho Apócrifo de Pedro	séc. II d.C.
Protoevangelho Apócrifo de Tiago	séc. I d.C.
Talmud Babilônico	séc. V d.C.

Índice onomástico

- Abércio de Hierápolis**, 95
Afrate da Pérsia, 95
Agostinho de Hipona, 29, 34, 37, 42, 43, 45, 46, 48, 56, 63, 67, 68, 70, 71, 73, 78, 86, 93, 94, 95
Alexandre de Alexandria, 30, 95
Ambrósio de Milão, 45, 62, 95
Anastácio do Sinai, 30, 59, 95
André de Creta, 95
Anônimo, 42
Apócrifo Odes de Salomão, 76
Aristides de Atenas, 95
Atanásio de Alexandria, 25, 34, 53, 62, 73, 89, 92, 95
Atas dos Mártires, 98
Atenágoras de Atenas, 22, 33, 95
Atos Apócrifos de João, 99
Basílio de Ancira, 95
Basílio de Selêucia, 65, 95
Basílio Magno de Cesaréia, 26, 93, 95
Beda Venerável, 95
Caio, 95
Cassiodoro, 95
Cesário de Arles, 29, 95
Cipriano de Cartago, 95
Cirilo de Alexandria, 46, 47, 59, 63, 67, 71, 95
Cirilo de Jerusalém, 93, 95
Clemente de Alexandria, 23, 60, 68, 85, 95
Columbano, 95
Concílio Ecumênico de Calcedônia, 64, 98
Concílio Ecumênico de Constantinopla, 28, 35, 84, 98
Concílio Ecumênico de Éfeso, 98
Concílio Ecumênico de Nicéia, 31, 41, 66, 98
Concílio Regional de Antioquia, 66, 98
Concílio Regional de Arles, 98
Concílio Regional de Cartago, 98
Concílio Regional de Elvira, 98
Concílio Regional de Friul, 67, 98
Concílio Regional de Hipona, 98
Concílio Regional de Laodiceia, 98
Concílio Regional de Latrão, 98
Concílio Regional de Orange, 99
Concílio Regional de Palmari, 99
Concílio Regional de Pávia, 99
Concílio Regional de Quiersy, 81, 99
Concílio Regional de Roma, 34, 99
Concílio Regional de Sárdica, 99
Concílio Regional de Toledo, 32, 35, 38, 93, 99
Constituições Apostólicas, 98
Constituições Egípcias, 98
Cromácio de Aquiléia, 95
Decreto Gelasiano, 98
Didaqué, 20, 85, 98
Dionísio de Corinto, 95
Efrém da Síria, 53, 61, 69, 75, 95

Egéria, 95
Enéias de Gaza, 96
Epifânio de Salamina, 56, 73, 96
Epístola a Diogneto, 33, 98
Epístola de Barnabé, 32, 98
Eusébio de Alexandria, 96
Eusébio de Cesaréia, 61, 96
Eustáquio de Antioquia, 77, 96
Eutíquio, 96
Evangelho Apócrifo de Pedro, 76, 78, 99
Filoxeno da Síria, 96
Firmiliano da Capadócia, 96
Frutuoso Mártir, 96
Fulgêncio de Ruspe, 96
Germano de Constantinopla, 96
Gregório de Nanzianzo, 27, 31, 34, 55, 62, 70, 83, 86, 90, 96
Gregório de Nicéia, 96
Gregório de Nissa, 37, 55, 67, 75, 78, 86, 96
Hegésipo, 96
Hermas de Roma, 96
Hilário de Poitiers, 18, 25, 53, 61, 96
Hipólito de Roma, 43, 52, 96
Ildelfonso de Toledo, 43, 59, 65, 96
Inácio de Antioquia, 20, 32, 39, 50, 60, 75, 78, 85, 96
Ireneu de Lião, 22, 33, 36, 40, 44, 49, 50, 60, 71, 79, 85, 92, 96
Isidoro de Pelúsio, 96
Isidoro de Sevilha, 96
Jerônimo, 96
João Cassiano, 38, 96
João Crisóstomo, 28, 37, 45, 46, 56, 63, 72, 77, 82, 93, 96
João Damasceno, 66, 74, 75, 79, 96
João de Antioquia, 96
João Mosco, 96

Justino Mártir, 21, 33, 39, 50, 60, 85, 87, 96
Lactâncio, 96
Lecionário
 Jerusalemitano, 98
Martinho de Tours, 97
Mártires de Lião, 98
Máximo Confessor, 29, 59, 97
Máximo de Turim, 97
Melitão de Sardes, 97
Metódio de Olimpo, 97
Minúcio Félix, 36, 87, 97
Nestório, 97
Nicetas de Remesiana, 97
Nilo Magno, 97
Optato de Milevi, 97
Orígenes de Alexandria, 25, 44, 60, 80, 83, 88, 92, 97
Ósio de Córdoba, 97
Panciano, 97
Papa Celestino I de Roma, 46
Papa Clemente I de Roma, 20, 39, 81
Papa Leão I Magno de Roma, 64
Papa Vigílio de Roma, 84
Papias de Hierápolis, 97
Pedro Crisólogo, 70, 97
Pedro de Alexandria, 97
Policarpo de Esmirna, 21, 33, 97
Protoevangelho Apócrifo de Tiago, 99
Pseudo-Agostinho, 86, 98
Pseudo-Cirilo, 35
Pseudo-Clemente, 30, 47, 61, 98
Pseudo-Dionísio, 98
Pseudo-Hipólito, 98
Pseudo-Justino, 98
Pseudo-Melitão, 98
Rufino de Aquiléia, 97
Sacramentário Gregoriano, 98

Serapião de Thmuis, 67, 97
Severiano de Gábala, 97
Símbolo Atanasiano, 28, 34
Simeão de Tessalônica, 97
Sínodo de Ambrósio, 99
**Sínodo Permanente de
Constantinopla**, 99
**Sócrates de
Constantinopla**, 97
Sulpício Severo, 97

Talmud Babilônico, 87, 99
Teodoreto de Ciro, 97
Teodoro Studita, 97
Teófilo de Antioquia, 22, 36,
71, 97
Teotecnos de Lívias, 97
Tertuliano de Cartago, 23,
41, 42, 51, 60, 86, 97
Vicente de Lérins, 97
Zenão de Verona, 98

Bibliografia e Sites Consultados

Livros (fontes de citações)

1. ADAM, Adolf. "O Ano Litúrgico". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1982. Trad. Mateus Ramalho Rocha.
2. AGOSTINHO, Santo. "A Verdadeira Religião". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1987. Trad. Nair de Assis Oliveira.
3. _____. "O Cuidado Devido aos Mortos". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1990. Trad. Nair de Assis Oliveira.
4. ALFARO, Juan Ignacio. "O Apocalipse em Perguntas e Respostas". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1996. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral.
5. AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. "A Minha Igreja". Lorena: Cléofas, 2ª ed., 1999.
6. _____. "Escola da Fé I: Sagrada Tradição". Lorena: Cléofas, 1ª ed., 2000.
7. ARAÚJO, Francisco Almeida. "Em Defesa da Fé". Anápolis: CMIC. 3ª ed., 1993.
8. ASIAÍN, Justo. "Maria Hoje?". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1979. Trad. Francisco da Rocha Guimarães.
9. BATTISTINI, Frei. "A Igreja do Deus Vivo". Petrópolis: Vozes, 18ª ed., 1992.
10. BETTENCOURT, Estêvão Tavares. "Católicos Perguntam". São Paulo: Mensageiro de Santo Antonio, 1ª ed., 1997.
11. _____. "Curso de Ecclesiologia". Rio de Janeiro: Mater Ecclesiae, s/ano.
12. _____. "Curso de História da Igreja". Rio de Janeiro: Mater Ecclesiae, s/ano.
13. _____. "Curso de Iniciação Teológica". Rio de Janeiro: Mater Ecclesiae, s/ano.
14. _____. "Curso de Mariologia". Rio de Janeiro: Mater Ecclesiae, s/ano.
15. _____. "Diálogo Ecumênico: Temas Controvertidos". Rio de Janeiro: Lumen Christi, 3ª ed. 1989.
16. _____. "Quinze Questões de Fé". Aparecida: Santuário, 6ª ed., 1989.
17. BETTI, Artur. "O que o Povo Pergunta?". Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 1994.
18. BOROBIO, Dionisio (org.). "A Celebração na Igreja 1: Liturgia e Sacramentologia Fundamental". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1990. Trad. Adail U. Sobral.
19. _____. "A Celebração na Igreja 2: Sacramentos". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1993. Trad. Luiz João Gaio.
20. _____. "A Celebração na Igreja 3: Ritmos e Tempos da Celebração". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2000. Trad. João Rezende Costa.

21. BOURGERIE, Denis. "Vinte Razões Porque Eu sou Católico". Campinas: Logos, 5ª ed., 1998.
22. CARVAJAL, Luis González. "Nossa Fé: Teologia para Universitários". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1992. Trad. José A. Ceschin.
23. CHAPPIN, Marcel. "Introdução à História da Igreja". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Píer Luigi Cabra.
24. COMBY, Jean. "Para Ler a História da Igreja: das Origens ao Século XV". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1993. Trad. Maria Stela Gonçalves.
25. COSTA BRITO, Ênio José da; TENÓRIO, Waldecy (orgs.). "Milénarismos e Messianismos Ontem e Hoje". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2001.
26. COUTINHO, Joaquim Ximenes. "Profissão de Fé Católica". Santos: s/edit., 1ª ed., 1996.
27. CUNHA, Egionor. "A Cruz e as Cruzes". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
28. _____. "A Santíssima Trindade". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
29. _____. "A Senhora Contestada". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
30. _____. "Bíblia, Sangue e Medicina". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
31. _____. "Imagens e Santos". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
32. DELUMEAU, Jean. "As Razões de Minha Fé". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1991. Trad. Eunice Gruman.
33. DENZINGER, Enrique. "El Magisterio de la Iglesia". Barcelona: Herder, 3ª ed., 1963.
34. DOMERGUE, Benoit. "Notas sobre Reencarnação". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1997. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva.
35. DREYFUS, François. "Jesus Sabia que era Deus?". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1997. Trad. José Nogueira Machado.
36. DUPUIS, Jacques. "Introdução à Cristologia". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Aldo Vannucchi.
37. ESCRIVÁ, Josemaria. "Para que Todos se Salvem". São Paulo: Quadrante, 1ª ed., s/ano.
38. FIORENZA, Francis S.; GALVIN, John P. (org.). "Teologia Sistemática: Perspectivas Católico-Romanas" (2 volumes). São Paulo: Paulus, 1ª ed., 1997. Trad. Paulo Siepierski.
39. FISICHELLA, Rino. "Introdução à Teologia Fundamental". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2000. Trad. João Paixão Netto.
40. FORTE, Bruno. "Introdução à Fé". São Paulo: Paulus, 1ª ed., 1994. Trad. Artur Diniz Neto.
41. _____. "Introdução aos Sacramentos". São Paulo: Paulus, 1ª ed., 1996. Trad. Georges I. Maissiat.
42. FRANGIOTTI, Roque. "História da Teologia: Período Patrístico". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1992.
43. _____. "História das Heresias - Séculos I - VII". São Paulo:

- Paulus, 1ª ed., 1995.
44. FUITEM, Diogo Luís. "A Fé Católica em Perguntas e Respostas". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2000.
 45. GAMBARINI, Luiz Alberto. "Perguntas e Respostas sobre a Fé" (2 volumes). Campo Limpo: Vida Nova/Ágape, 5ª ed., 1990.
 46. GARCIA PAREDES, José C.R.. "A Verdadeira História de Maria". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1988. Trad. Suely Mendes Brazão.
 47. GILBERT, Paul. "Introdução à Teologia Medieval". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Dion Davi Macedo.
 48. GOEDERT, Valter Maurício. "Culto Eucarístico Fora da Missa". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1987.
 49. _____. "Teologia do Batismo". São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1988.
 50. GOMES, Cirilo Folch. "Riquezas da Mensagem Cristã". Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2ª ed., 1989.
 51. HAMMAN, A. "Os Padres da Igreja". São Paulo: Paulinas, 3ª ed., 1980. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira.
 52. JOÃO PAULO II. "A Virgem Maria: 58 Catequeses do Papa sobre Nossa Senhora". Lorena: Cléofas, 1ª ed., 2000.
 53. _____. "Carta Apostólica Duodecim Saeculum". Petrópolis: Vozes, 1ª ed., 1988.
 54. JORNET, Charles. "O Matrimônio Indissolúvel". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1996. Trad. José Joaquim Sobral.
 55. KEHL, Medard. "A Igreja: uma Ecclesologia Católica". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1997. Trad. João Rezende Costa.
 56. KLOPPENBURG, Boaventura. "A Minha Igreja". Petrópolis: Vozes, 1ª ed. 2000.
 57. KNAUER, Peter. "Para Compreender nossa Fé". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1989. Trad. Attilio Cancian.
 58. LACARRIÈRE, Jacques. "Padres do Deserto: Homens Embriagados de Deus". São Paulo: Loyola. 1ª ed., 1996. Trad. Marcos Bagno.
 59. LE MOUËL, Gilbert. "Astrologia e Fé Cristã". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1994. Trad. Marcos Marcionilo.
 60. LIÉBAERT, Jacques. "Os Padres da Igreja: Séculos I-IV". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2000. Trad. Nadyr de Salles Penteado.
 61. LIMA, Maurílio César de. "Introdução à História do Direito Canônico". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999.
 62. MANZANARES, Cesar Vidal. "As Seitas Perante a Bíblia". Lisboa: São Paulo. 1ª ed., 1994. Tad. Armando Baptista Silva.
 63. MELO, Fernando dos Reis de. "Religião & Religiões: Perguntas que Muita Gente Faz". Aparecida: Santuário, 1ª ed., 1997.
 64. MONDONI, Danilo. "História da Igreja na Antigüidade". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2001.
 65. MORALDI, Luigi. "O Início da Era Cristã: uma Riqueza Perdida". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 2001. Trad. João Rezende Costa.
 66. MOURA, Jaime Francisco de. "As Diferenças entre Igreja Católica e Igrejas Evangélicas". São José dos Campos: Com Deus, 1ª ed., 2000.
 67. O'DONNELL, John. "Introdução à Teologia Dogmática". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Roberto Leal Ferreira.

68. PADOVESE, Luigi. "Introdução à Teologia Patrística". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Orlando Soares Moreira.
69. PEREIRA, Ernesto do Nascimento. "A Formação Cristã de Adultos". Petrópolis: Vozes, 1ª ed., 1994.
70. PIÉ-NINOT, Salvador. "Introdução à Ecclesologia". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1998. Trad. João Paixão Netto.
71. RIBOLLA, José. "Coisas da Fé". Aparecida: Santuário, 4ª ed., 1995.
72. ROCCHETTA, Carlo. "Os Sacramentos da Fé". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1991. Trad. Álvaro A. Cunha.
73. ROSATO, Philip J.. "Introdução à Teologia dos Sacramentos". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Orlando Soares Moreira.
74. ROSSI, Marcelo Mendonça. "Eu sou feliz por ser católico". São Paulo: Maxi, 1ª ed., 2000.
75. RYAN, Vincent. "O Domingo: História, Espiritualidade, Celebração". São Paulo: Paulus, 1ª ed., 1997. Trad. Thereza Christina F. Stummer.
76. SALOTO, Luiz Rômulo Fernandes. "Religião Também se Aprende" (vol. 4). Aparecida: Santuário, 1ª ed., 2000.
77. SCHEPER, Wenceslau. "Purgatório: Sim ou Não?". São Paulo: Ave Maria, 1ª ed., 1993.
78. SIMÕES, Adelino F.. "Os Cristãos Perguntam". Campinas: Raboni, 1ª ed., 1996.
79. TONUCCI, Paulo Maria. "História do Cristianismo Primitivo". Petrópolis: Vozes, 1ª ed., 1987.
80. TURCHENSKI JR., Nicolau. "A Caminho do Pai: o Purgatório". Curitiba: s/edit., 1ª ed., 1985.
81. VV.AA.. "Catecismo da Igreja Católica". Petrópolis: Vozes etal, 3ª ed., 1993.
82. _____. "Manual do Católico de Hoje". Aparecida: Santuário, 19ª ed., 1990.
83. _____. "O Caminho: Síntese da Doutrina Cristã para Adultos". Salvador: Nossa Senhora de Loreto, 2ª ed., 1981.
84. _____. "Os Sacramentais e as Bênçãos". São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 1993. Trad. I. F. L. Ferreira
85. WICKS, Jared. "Introdução ao Método Teológico". São Paulo: Loyola, 1ª ed., 1999. Trad. Nadyr de Salles Penteado.

Sites Consultados

1. AGNUS DEI (<http://www.agnusdei.cjb.net>)
2. CATHOLIC ANSWERS (<http://www.catholic.com>)
3. CORUNUM CATHOLIC APOLOGETICS
(<http://www.cin.org/users/jgallegos/contents.htm>)
4. ICTIS (<http://www.ictis.cjb.net>)
5. SOU CATÓLICO, SOU IGREJA (<http://www.na.com.br/users/toni/>)
6. VERITATIS SPLENDOR (<http://www.veritatisplendor.org>)

Para Saber Mais...

1. ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas.
2. AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. *Escola da Fé I: Sagrada Tradição*. Lorena:Cléofas
3. GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo:Paulinas.
4. HAMMAN, A.. *Os Padres da Igreja*. São Paulo:Paulinas.
5. LACARRIÈRE, Jacques. *Padres do Deserto: Homens Embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola.
6. LIÉBAERT, Jacques. *Os Padres da Igreja: Séculos I-IV*. São Paulo: Loyola.
7. MANZANARES, Cesar Vidal. *Dicionário de Patrística*. Aparecida:Santuário.
8. MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. 3 volumes. São Paulo: Loyola.
9. PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo:Loyola.
10. TRESE, LEO J.. *A Fé Explicada*. São Paulo: Quadrante.
11. VV.AA.. *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis:Vozes etal.

Para ulteriores pesquisas, sobre este ou outros temas relacionados ao Catolicismo, acesse a ferramenta de busca existente no topo da página do *site* Veritatis Splendor – Memória e Ortodoxia Cristã

<http://www.veritatis.com.br>

Para ler obras patrísticas na íntegra, acesse
COCP – Central de Obras do Cristianismo Primitivo

<http://cocp.nabeto.com.br>

“A fé católica é esta: que adoremos o único Deus na Trindade e a Trindade na Unidade, não confundindo as Pessoas, nem separando a substância, pois uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma só é a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, co-eterna a majestade” (Símbolo Atanasiano).

“Quando vocês ouvirem falar dos ‘irmãos do Senhor’, pensem logo que se trata de algum parentesco que os une a Maria, sem imaginar ter ela tido outros filhos” (Agostinho de Hipona).

Você quer conhecer melhor o Catolicismo?
Quer estar por dentro da Doutrina Oficial da Santa Igreja?

Visite na Internet: <http://www.veritatis.com.br>

Um Apostolado fiel ao Magistério da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.